

«E vós quem dizeis que Eu sou?»»

*Exercícios dos Universitários
de Comunhão e Libertação
Rimini, Dezembro de 2010*

INTRODUÇÃO – JULIÁN CARRÓN
10 de Dezembro, noite

Chegamos aqui cada qual consciente da sua incapacidade de atingir a plenitude que todos desejamos. Por isso, quando uma pessoa se reconhece tão necessitada, mendicante, a coisa mais apropriada é perguntar, pedir: nada sentimos ser mais correspondente quando a vida urge. A quem pedimos? Pedimos a essa energia mais forte que a nossa – capaz de mudar a nossa vida – que chamamos Espírito Santo: que invista todo o nosso ser, toda a nossa vida, de modo que possamos conhecer por experiência que tipo de realização nos pode fazer alcançar.

Descei Espírito Santo

Sejam todos bem-vindos! Cumprimento de modo particular – além do nosso amigo Wael, que chegou do Egito por causa do pedido que lhe fizemos de dar um testemunho daquilo que o marcou, do que viu em nós para ter levado tanta gente a fazer o que fizeram no Cairo¹ – os que vieram do estrangeiro: da Bélgica, de França, da Irlanda, da Holanda, de Portugal, da Espanha, da Suíça e até do Uganda.

O que foi que nos fez vir até aqui a não ser a própria esperança que Ele suscitou em nós? Nenhuma outra coisa teria sido capaz de mobilizar a nossa vida, de nos levar a fazer o esforço de chegar até aqui, a não ser algo que despertou em nós, ao menos como início, como primeira claridade, pelo que vimos e vivemos como experiência ou pelo que vislumbrámos em alguém; tanto que, perante a dificuldade do viver, começamos a entrever que alguém tem qualquer coisa, que ainda não sabemos descobrir, mas em quem entrevemos uma esperança para nós.

Por isso dou as boas-vindas a cada um de vocês, pedindo que sejam leais com esse algo que se mobilizou em cada um, porque é preciso, já desde o

começo, esta primeira lealdade para poder dar-Lhe espaço a Ele, e ver cumprir-se a promessa, a esperança que Ele suscitou.

Por isso, a palavra que define o início dum gesto como o nosso é esta expectativa, suscitada em nós por aquilo que entrevimos noutra pessoa. E para poder verificar se Ele é capaz de cumprir esta promessa, não é preciso censurar nada, não é preciso cancelar nada do esforço ou das dificuldades com que temos de viver, porque todos chegamos aqui com a vida que urge dentro de nós, como escreve uma de vocês: «Há dias em que tudo parece pouco interessante e em que tudo é irritante, até eu, que ando inquieta e, logo, pouco disposta a fazer face ao que tenho para fazer. Queria contar-te que nestas últimas semanas me surge, por vezes de modo quase violento, a exigência de encontrar uma presença que esteja viva, que seja real. Tudo me parece aborrecido ou decepcionante, mesmo as relações mais dadas, e sou capaz de esconder isto de mim durante dias, pensar que a tristeza ou o aborrecimento sentidos são casuais, daquele momento, ou calar-me com pensamentos do tipo: “Hoje é assim, amanhã será diferente”. No fim, não me deixam viver. Nestes momentos urgem todo o desejo e melancolia daqueles momentos precisos da minha história, nos quais a vida finalmente não era casual, ou seja, nos quais percebi que era amada, que podia ser eu mesma, e portanto que me podia mover dentro da realidade com uma personalidade (não como um fantasma mais ou menos afável, ou simpático, ou bonitinho). Encontrar Cristo, para mim, coincide com começar a ter esperança. Quem Cristo é para mim, em última análise, percebo que é o ponto – atrevo-me a dizer – mais decisivo. Mas o que é essa Outra Coisa que não murcha como as folhas de Outono, que não apodrece como um homem que morre, que desafia o tempo, que até se torna mais belo com o tempo, que resiste e que me faz resistir a mim assim? Eu percebo que tenho necessidade de viver alguma coisa que me faça viver, caso contrário, tudo, mesmo o meu namorado, mesmo os amigos mais queridos, no fim fartam-me e deixam-me um sabor amargo na boca».

É preciso semelhante lealdade com a experiência pessoal para começar a focalizar a vida, porque a vida urge nas coisas quotidianas. Como quando o pai morre e uma pessoa se depara com uma doença grave em idade jovem: «São dois acontecimentos à primeira vista trágicos e contrários ao desejo de felicidade que sempre construí para mim. Dei por mim inesperadamente desarmada e despojada de todas as minhas ideias magníficas. E digo “magníficas” porque, enquanto não nos vemos na necessidade de fazer contas com a vida, se vive de castelos no ar. Mas esta nudez revelou

ser o instrumento mais verdadeiro e maior que me liga Àquele que me concede a vida instante por instante. Nunca me tinha sucedido sentir tão forte e arrebatador este desejo de vida, que se manifesta quotidianamente com a ausência do meu pai e com a necessidade de tomar quatro injeções ao dia. Quando nos tornamos plenamente conscientes da nossa fragilidade, da nossa impotência diante dos nossos limites, então é mais fácil descobrir que só Cristo pode responder ao nosso desejo de vida, abraçando-nos, com ou sem a doença. Sentir-nos necessitados d’Ele: é por aqui que vale a pena viver, porque nos insta continuamente a perguntar de Quem somos, por Quem vivemos e por meio de Quem somos constantemente criados».

E uma amiga, perante o tema dos nossos Exercícios, exprime todo o seu mal-estar: «Devo dizer que o título dos Exercícios me causou um certo mal-estar: “E vós, quem dizeis que Eu sou?”. Esta pergunta – digo-o com toda a franqueza, sem esconder a minha vergonha – pareceu-me inicialmente óbvia: é óbvio que Cristo é a razão por que me levanto de manhã, por que participo ativamente na vida da universidade, por que sou representante dos estudantes, estou no coro, vou aos encontros, estudo, estou com os amigos ou com o namorado. Qual é a necessidade de responder? Trata-se de uma pergunta que incomoda, à qual dou uma resposta óbvia: Cristo é o sentido da minha vida. O verdadeiro problema é que nunca me coloquei realmente uma pergunta assim. Transtorna-me que tenhas conseguido atingir o nervo sensível, ou melhor, tirar-me da névoa em que vivo esta pergunta. Para mim teria sido muito mais simples se nos tivesses proposto um título sobre o coração ou sobre a razão, ia poder divagar; mas uma pergunta assim à queima-roupa pôs-me em crise, sobretudo porque é o próprio Cristo que me pergunta. Desde que a Marta morreu, o seu testemunho ficou cravado como um espinho, pequeno mas fastidioso: “Eu sou Tu que me fazes”; ela vivia desta consciência e desta relação, e era feliz. Ultimamente tenho reparado que não sou verdadeiramente determinada, como eu pensava, pelo meu encontro com o movimento e com o carisma de Giussani, mas sim pelo que pensa o mundo. O que me determina é, portanto, ser ou não ser capaz, também em CL, de ser bem sucedida, dizer as coisas certas, ser – em resumo – como o poder quer que eu seja: uma vida baseada no nada dos meus pensamentos e um lamento permanente sobre uma fraqueza constante. Agradeço-te, porque bastou o título dos Exercícios para reabrir o drama da minha vida».

Vimos até aqui sem ter de esconder nenhuma ferida, como diz ainda outra pessoa: «Quero levar lá a minha ferida, deixá-la aberta, deixar que o

facto de eu ser necessidade total se converta num juízo que me permita conservar os olhos e o coração sempre abertos de par em par».

Cada um pode reconhecer de que modo a vida urge dentro de si; durante estes dias queremos mergulhar na Sua presença para podermos responder de maneira adequada a esta pergunta.

«Deste modo, também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento e todo pecado, corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé»². Nós podemos encarar tudo porque estamos rodeados desta nuvem de testemunhas; duas, em especial, foram-nos concedidas recentemente.

Uma é a nossa Marta, já mencionada, a nossa amiga que morreu há uns meses, que – como todos lemos no diálogo que tinha tido com o pai – era determinada pelo facto de ser objeto do amor infinito de Alguém que nos quis. E convidava: «Vê, vê o que tens! Vive! Vê a realidade toda, não é preciso tanto raciocínio, vê, é como quando fazes uma *piadina*, tens a massa nas mãos. Para ser feliz é preciso amá-lo a Ele mais que tudo, acima de todas as coisas e isso faz amar tudo, mais intensamente. Eu amo tudo, tudo na minha vida». E nós sabemos quando foi que ela disse estas coisas: não quando estava bem, mas quase no fim, quando a doença levava a melhor! Não se dizem estas coisas só por dizer... «O amigo é como a objetiva de uma máquina fotográfica, foca, foca, quer dizer, ajuda-te a fazer luz onde está a verdade, mas toda a relação é tua e basta, tua com Ele, basta, mais ninguém, não tu-o-amigo-e-Elé, é teu e basta, és tu que perguntas, és tu que pedes, és tu que gritas, és tu que lhe pedes: ama-me!». Como cada um de nós desejaria enfrentar com toda a sua pessoa, a pergunta: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» a partir da experiência e não por ouvir dizer!

Ou a nossa amiga Manuela, dos Memores Domini, que prestava serviço ao Papa; a sua morte foi uma oportunidade para Bento nos poder dizer onde se encontra a consistência dessa testemunha: «Encontro muito apoio ao pensar nas palavras que dão o nome à sua comunidade: *Memores Domini*. Meditando sobre estas palavras, sobre seu significado, encontro um sentido de paz, porque elas chamam a atenção para uma relação profunda que é mais forte do que a morte. *Memores Domini* quer dizer: “que recordam o Senhor”, isto é, pessoas que vivem na memória de Deus e de Jesus, e nesta memória quotidiana, cheia de fé e de amor, encontram o sentido de cada coisa, desde as pequenas ações até às grandes escolhas, do trabalho, do estudo, da fraternidade. A memória do Senhor enche o coração de uma alegria profunda, como diz um antigo hino da Igreja: “*Jesu dulcis*

memoria, dans vera cordis gaudia” [Jesus doce memória, que concede a verdadeira alegria de coração] Por isso me agrada pensar que Manuela é uma *Memor Domini*, uma pessoa que vive na memória do Senhor. Esta relação com Ele é mais profunda do que o abismo da morte. É um vínculo que nada nem ninguém pode romper, como diz São Paulo: “[Nada] nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor” (*Rm* 8, 39). Sim, se nos lembramos do Senhor é porque Ele, antes, se lembra de nós. Somos *memores Domini* porque Ele é *Memor nostri*, se lembra de nós com o amor de um Genitor, de um Irmão, de um Amigo, mesmo no momento da morte. Por mais que, às vezes, possa parecer que naquele momento Ele está ausente, que se esqueceu de nós, na realidade estamos sempre presentes para Ele, estamos no seu coração. Onde quer que possamos cair, caímos em suas mãos. É exatamente ali, onde ninguém nos pode acompanhar, que Deus nos espera: a nossa Vida.»³

Na companhia destas testemunhas nós podemos olhar tudo sem censurar nada, nem a morte. E o que temos, então, de fazer, senão manter os olhos postos em Jesus? «A conversão é isto: voltar-se (em latim diz-se, precisamente, *converti*) para “estar atento a” qualquer coisa ou alguém por quem nos sentimos interpelados. Voltar-se, como Zaqueu, e mergulhar na sua presença. Ou como o centurião que, tendo um servo doente, o mandara chamar para que o salvasse. E, ao saber que Jesus estava para chegar, tinha enviado os seus servos ao encontro d’Ele para Lhe dizer: “Senhor, não te incomodes, eu não sou digno de que tu entres debaixo do meu teto; por isso nem me julguei digno de ir ter contigo, mas ordena com uma palavra e o meu servo será curado. Porque também eu sou um homem submetido a uma autoridade, e soldados sob as minhas ordens; e digo a um: ‘Vai’, e ele vai; e a outro: ‘Vem’, e ele vem; e ao meu servo: ‘Faz isto’, e ele faz. Ouvindo isto, Jesus ficou admirado” (cf. *Lc* 7,1-10). Quando o centurião viu Jesus; quando a samaritana se sentiu olhada e descrita em tudo; e quando a adúltera ouviu: “também Eu não te condeno, vai e não tornes a pecar”; quando João e André viram aquele vulto fixá-los e falar-lhe: foi um mergulhar na sua presença. Mergulhar-nos na presença de Cristo que nos dá a sua justiça, olhar para ele: é esta a conversão que nos muda pela raiz; quer dizer: que nos deixa perdoados. Basta revê-lo, basta repensá-lo, e somos perdoados»⁴.

Zaqueu, a adúltera, o centurião: cada qual com a sua necessidade, quando mergulharam na Sua presença, no Seu abraço, no Seu olhar, a vida voltou a ferver. Nós estamos aqui, amigos, para poder participar nessa novidade que Ele tornou presente na história, para nos deixarmos atingir pela

Sua presença, para nos deixarmos abraçar, para nos deixarmos olhar; porque não são os nossos pensamentos ou os nossos sentimentos que nos mudam, mas é mergulhar nessa Presença que não é criada por nós, que nós não somos capazes de gerar, é o embate com uma diversidade que nos abraçou a todos. Peçamos para nos deixarmos invadir por esta Presença: que Ele nos torne a cada um de nós disponíveis para deixar aquela abertura sem a qual Ele não pode entrar, porque não quer forçar a liberdade de ninguém. Só deixando-nos mergulhar nesta Presença poderemos responder a sério à pergunta: «E vós, quem dizeis que Eu sou?»

Por isso, nestes dias pedimos uma coisa simples, mas decisiva, que é o silêncio. Para explicar o que é o silêncio parto sempre da experiência que todos tivemos em algum momento da vida. Já vos aconteceu encontrarem-se diante de qualquer coisa que vos deixou sem palavras? O silêncio nasce assim, não como uma ordem («Têm de ficar calados!»); é a surpresa de uma coisa de tal maneira imponente que me deixa sem palavras, como a João e André. Como quando olhas para a tua namorada e ficas ali, mudo, diante do espectáculo daquela ternura cheia de afeição. O silêncio cristão nasce de uma Presença, de estar diante de Alguém que nos espanta de tal maneira que ficamos sem palavras. Portanto, o silêncio não é um vazio angustiante, do qual fugimos assim que podemos porque não o conseguimos suportar. O nosso silêncio é diferente, é um silêncio que nasce da Sua presença, é um silêncio pleno, é um silêncio sem o qual não podemos passar, se não quisermos perder a intensidade desse momento, é o espaço dado a este Tu quando se apresenta na vida e domina. É um Tu que domina o silêncio; e se eu não Lhe der espaço, o Tu desaparece: sem o silêncio não existe o Tu; se tu não precisas de fazer silêncio, é porque não encontraste nenhum Tu. Não é por uma questão organizativa ou moralista, ou por um propósito: é para não perder a relação com este Tu. E que sacrifício é preciso para deixar-se determinar totalmente por esta Presença, para não ficar pela aparência superficial, com a qual, no instante a seguir, já estamos distraídos... O silêncio e o sacrifício são como o teste para verificar se nos aconteceu alguma coisa pela qual valha a pena dar tudo. Ajudemo-nos, amigos! Demonstremos a nossa amizade nestes dias, quer dizer, que nos interessemos verdadeiramente pelo bem do outro, pela felicidade do outro, dando testemunho recíproco desta tensão para a Sua presença.

LIÇÃO – JULIÁN CARRÓN
11 de Dezembro, manhã

1. O contexto histórico: um desafio e uma oportunidade

«E vós, quem dizeis que Eu sou?» Nós vivemos a nossa fé na história e não podemos ignorar o contexto em que nos é dado vivê-la, porque é dentro deste contexto que podemos ver que novidade introduz, de tal modo que a esta pergunta possamos dar uma resposta carregada de razões, de acontecimentos, de sinais.

Estamos numa situação de cuidados, de dificuldades, de crise, como nos disse o cardeal Angelo Bagnasco, estamos tolhidos «enquanto o país parece atônito e olha desorientado»⁵. É como se esta situação nos encontrasse mais desarmados. De surpresa, o relatório para 2010 do Censis (que – como sabem – é um instituto de investigação socio-económica) identificou a natureza da crise num decréscimo do desejo, que se manifesta em todos os aspectos da vida: temos menos vontade de construir, de crescer, de buscar a felicidade, e a isso se atribuiria a responsabilidade das «evidentes manifestações de fragilidade, quer pessoais, quer de massa, comportamentos e atitudes desorientados, indiferentes, cínicos, passivamente adaptativos, prisioneiros das influências dos meios de comunicação, condenados ao presente sem profundidade de memória e de futuro»⁶.

Como é possível que, tendo atingido objetivos tão importantes no passado, nos deparemos com uma sociedade tão marcada pelo vazio (que a todos nos diz respeito)? Tudo isto nos mostra que a crise é social, económica e política, sim; mas é sobretudo antropológica, porque diz respeito à própria concepção da pessoa, da natureza do seu desejo e da sua relação com a realidade. Como dizemos no manifesto intitulado «As forças que mudam o mundo são as mesmas que mudam o coração do homem», tínhamos a ilusão de que o desejo se manteria vivo por si só, ou que até seria mais vivo uma vez que se atingisse o bem-estar almejado. A experiência mostra, porém, que o desejo se pode abater – vocês sabem isso bem, já na vossa idade –, se não encontrar um objeto à altura das suas exigências, e é assim que todos nos encontramos saciados de muitas coisas e desesperados.

«No abatimento do desejo tem origem a desorientação dos jovens e o cinismo dos adultos»⁷: assim – há 23 anos! – falava dom Giussani, em 1987, em Assago. E depois – com a famosa imagem de Chernobyl – explicou que, tal como a seguir a uma explosão atômica, tudo pode parecer igual no “organismo”, mas ele sofre um abatimento do desejo, uma inca-

pacidade de aderir, uma falta de energia. Agora, passados anos, todos dizem, dizem os inquéritos sociológicos, aquilo que dom Giussani profeticamente tinha já vislumbrado e, portanto, o Censis acerta novamente no alvo quando identifica a verdadeira urgência deste momento histórico: tornar a desejar, porque essa é a «virtude civil necessária para reativar uma sociedade demasiado saciada e abatida»⁸.

Mas a questão é: quem e o que pode reacender o desejo? Este é o problema cultural da nossa época, e todos aqueles que queiram levar a sério a necessidade que nós temos devem confrontar-se com esta urgência. Associações, partidos, professores: estamos todos perante a idêntica questão e nunca bastará uma resposta sociológica ou ideológica, pois de todos os projetos vimos o fracasso; na verdade, não foram capazes de conservar aceso o desejo. Somos obrigados a testemunhar uma experiência capaz de mantê-lo vivo, e também a Igreja deverá mostrar se a sua pretensão de ter algo mais a oferecer ao homem pode despertar a pessoa; deverá mostrar que Cristo está tão presente que é capaz de despertar a nossa pessoa e, portanto, todo o desejo, a ponto de não a fazer depender inteiramente das conjunturas históricas.

É nesta situação que nos é dado viver a nossa fé, que é o instrumento para tornar a desejar. Mas como? Dizia dom Giussani há uns anos atrás: «Sem o reconhecimento do Mistério presente, a noite avança, a confusão avança e – como tal, ao nível da liberdade – a rebelião avança, ou a desilusão passa de tal modo a medida, que é como se não se esperasse mais nada e se vive sem desejar mais nada, exceto a satisfação furtiva ou a resposta furtiva a uma breve questão»⁹. Não bastam todos os nossos esforços para manter desperta toda a nossa expectativa, todo o nosso desejo: a única possibilidade é o reconhecimento do Mistério presente, ou seja, reconhecer aquilo que nos aconteceu como algo tão real que nos redesperta continuamente, sendo nós incapazes de nos darmos a energia para recomeçar constantemente.

A nós, que o vislumbrámos e o encontramos, o que é que nos impede de reconhecer o Mistério presente? Aqui vemos a influência do contexto cultural em que vivemos, como dissemos na Jornada de Início de Ano, citando o Papa, que constantemente nos interpela: nós vivemos num contexto em que domina o relativismo. Gostariam de nos fazer crer que, quando o Papa afirma que o relativismo «ameaça enfraquecer os próprios fundamentos da nossa sociedade»¹⁰, se trata de conjecturas suas. Depois, pelo contrário, a realidade comprova que tem razão!

O relativismo é o fracasso da capacidade do homem de conhecer a ver-

dade, de encontrar nela a definitiva liberdade e a realização das aspirações humanas mais profundas. Nós fomos criados para conhecer a verdade, para a realização do nosso ser, para a felicidade; mas é como se, faltando esta nossa capacidade, não conseguíssemos aderir e, assim, estamos à mercê do sentimentalismo generalizado, que é como a outra face daquilo a que Bento XVI chama “relativismo”. O vazio de conhecimento sujeita a vida à ditadura dos sentimentos, e a incerteza entrega o leme da existência aos estados de espírito. E todos sabemos no que se transforma a vida quando é guiada simplesmente pelos sentimentos. A consequência sofre-mo-la todos: uma instabilidade generalizada, uma flutuação absoluta, uma fragilidade grave. Esta maneira de viver não é verdadeira, é uma mentira, todos vemos a insuficiência deste sistema de vida, e podemos reconhecê-lo de muitas formas. Sobretudo notamos que desejamos sempre outra coisa, e isso quer dizer que somos feitos para a verdade e que somos capazes de reconhecer quando a encontramos e quando não a encontramos – nada de relativismo! –; temos o detector, o coração, que nos torna capazes de dizer: este modo de viver realiza-me, faz-me percorrer um caminho; a outra, pelo contrário, confunde-me cada vez mais, estou à mercê, como um barco à deriva, dos meus estados de espírito.

Por que motivo é interessante observar este contexto? Porque este clima cultural incide, muito mais do que nos apercebemos, também no modo de viver a fé, que é o que de mais decisivo nos aconteceu na vida. Não é que esta situação não nos diga respeito a nós que encontramos a Cristo. Vocês constatarem isso em muitas contribuições que me mandaram para estes dias em Rimini. Dissemos sempre nestes últimos anos que a fé é um método de conhecimento que nos permite alcançar a certeza; mas vemos o esforço que fazemos para viver a fé assim, vemos o suplício que continuamente enfrentamos para vivê-la como conhecimento; e quantas vezes, porém, vence uma modalidade de vivê-la que, de conhecimento, tem realmente pouco.

E isto vê-se por vários sinais. Por exemplo, se eu não consigo conhecer verdadeiramente, se a fé não é um verdadeiro conhecimento, regresso às imagens; é a prevalência das minhas imagens sobre o verdadeiro conhecimento. Um de vocês escreve-me: «Vi Outro em ação, mas parece que ainda me falta qualquer coisa porque sucede que, com o tempo, com o passar dos dias, me esqueço do que vi e as minhas preocupações tornam a ser o centro do dia e nada mais. Assim se passam dias inteiros sem pensar n’Ele como João e André pensavam, aliás, como eu próprio descobri que certas vezes pensava: presente, no sentido de carnal, de companheiro.

Parece-me que o problema está mais na questão de muitas vezes eu substituir a presença de Outro pela namorada, a mãe, o pai, os amigos, uma imagem minha, as minhas expectativas, as minhas ideias, os meus esquemas. Não é que eu nunca tenha conhecido, mas demasiadas vezes sucede que começo a modelar o que eu conheci de acordo com os meus esquemas. Encontrei no *É Possível Viver Assim?* esta passagem [é na assembleia sobre a esperança]: “Também os apóstolos esperavam outra coisa, esperavam que Jesus fizesse com que, finalmente, o reino de Israel, o reino do povo hebreu dominasse o mundo e os fizesse ministros deste mundo. Porém, ainda que tivessem a mentalidade de toda a gente e as mesmas imagens, existia uma ligação a Jesus que era mais forte do que as imagens a que tinham permenecido fiéis. A tal ponto que, quando Jesus os encontra pela primeira vez depois da Ressurreição, eles dizem: ‘Senhor, é agora que vais restaurar o reino de Israel?’, como se não tivesse morrido, como se nada tivesse acontecido; reproduzem a mentalidade comum. E Jesus responde pacatamente: ‘Não é assim! O tempo e o momento destes acontecimentos só o Pai os conhece’. Mas eles, diante de Jesus, são tão crianças que aceitam, não estão presos à pretensão de que Ele responda às suas perguntas como as imaginam, mas estão mais profundamente ligados a Jesus do que às suas opiniões, com uma maior simplicidade”. Esta é a luta. Em parte percebo este tornar a ser criança, mas sinto a urgência de que seja cada vez mais um modo de estar, uma postura, porque, caso contrário, até mesmo o conteúdo da palavra ‘Cristo’ é apenas uma ideia minha. Se Cristo é uma ideia minha, então prevalece qualquer imagem de realização, como em todos. Decidi vir estudar numa cidade porque julguei que era necessário um certo prestígio académico e intelectual de que esta cidade goza. Para ser realista, moveu-me um desejo de poder, a minha aspiração era ter tudo sob controle e ver tudo de um degrau mais acima. Ao chegar a esta cidade encontrei-me com alguns dos nossos. O que é que me sucedeu? Comovo-me como uma criança ao aperceber-me de como isso me salvou dessas imagens. Cederá. Uma vida construindo uma imagem, uma couraça que me ajudasse a enfrentar a vida».

Se não sucede outra coisa, prevalece a imagem do prestígio; ou então procura-se a realização na relação afetiva, como me conta outra pessoa: «A seguir ao terremoto que atingiu a minha terra, estive noiva de um rapaz durante um ano e meio. De início corria tudo bem e pensava: “Afinal, que mais pode desejar uma garota de vinte e dois anos? Uma relação tranquila, em que a máxima expressão corresponde ao sentimento, ao divertimento, à satisfação disto ou daquilo”. A solidão que sentia depois de

tudo o que tinha acontecido levava-me a pensar que aquela relação era a solução de todos os meus problemas. Há um ano e meio pensava que o meu desejo se pudesse concretizar todo naquela relação que parecia ser a resposta para tudo. Uma ruptura colossal: todas as expectativas foram desiludidas. Perguntei-me como podia ser possível: ele amava-me, não é que não me tratasse bem, cobria-me de atenções, havia compatibilidade de carácter, mas não servia, não bastava, não era feliz porque a maneira comum de viver a relação, no fundo, não me satisfazia. Onde estava o erro? Dei mil respostas: talvez eu quisesse de mais, tenho de me contentar, eu é que estou errada... Mas ia de mal a pior. Vivía a intimidade com ele na maneira comum de entender a relação entre dois jovens, mas em vez de sentir que era o momento de coroar a relação, eu sentia que gostava menos dele. Nasceu dentro de mim um desejo grande de gostar do outro, mas notei que não era capaz de querê-lo, e portanto desejava perceber o que queria dizer gostar verdadeiramente. Via alguns amigos do movimento e desejava uma relação como a deles, mas só desejá-la não era suficiente porque estava convicta de que era tudo fruto de uma capacidade minha, da sorte de encontrar alguém que me correspondesse em tudo. E onde estava o meu trabalho? Dei-me conta do que quer dizer fazer um sacrifício. Sacrificar a reação imediata era uma coisa que me feria de uma forma incrível porque não sou capaz, mas isto é o que eu desejo». Uma pessoa pode não conseguir fazê-lo, mas não pode evitar desejá-lo.

Como veem, se a fé não for um verdadeiro conhecimento, prevalecem as imagens. Porquê? Porque somos feitos para a realização, para a felicidade, e não podemos evitar, se não a encontrarmos, imaginá-la de uma maneira ou de outra, procurá-la às apalpadelas.

Outras vezes o que prevalece é o sentimentalismo; e vemos como se introduz uma luta entre esse desejo de conhecimento e o sentimento. Escutem esta outra mensagem de um nosso amigo: «Eu preciso que a relação com Ele se torne sempre mais uma relação de conhecimento para poder viver cada instante na certeza de que Ele existe e que eu sou relação com Ele. Ontem à noite li a mensagem que o Papa enviou para o funeral de Manuela, onde afirma: “Sim, se nós recordamos o Senhor é porque Ele, antes ainda, se recorda de nós. Nós somos memores Domini porque Ele é Memor nosso, recorda-nos sempre. Se bem que às vezes possa parecer que naquele momento Ele está ausente, que se esquece de nós, na realidade nós estamos sempre presentes para Ele, estamos no Seu coração, onde quer que possamos cair, caímos nas Suas mãos”. Eu desejo esta autoconsciência de que o Papa nos dá testemunho incansavelmente, de que tu me

dás testemunho continuamente, porque vejo que só há duas possibilidades: ou eu sou determinado por ser Seu, ou sou continuamente escravo do sentimento que vivo no instante, depositando todas as minhas esperanças de libertação numa forma predefinida por mim, negando desse modo a experiência que tenho vivido nestes meses. Nestas duas últimas semanas vivi uma luta contínua entre estas duas posições, até que cedi à experiência que vivi».

A influência do contexto vê-se, talvez, pela concepção que temos bem lá no fundo de que o acontecimento se dá de maneira intermitente: ontem sim, hoje não. Mas na raiz esconde-se o predomínio do sentimento: ontem sentia, logo existia; hoje não sinto, logo – dizemos assim, como se fosse de uma evidência luminosa: logo! – não existe. Estamos no relativismo, na oscilação das emoções, tudo depende do que sentimos, como se o cristianismo não falasse de uma Presença real, independente de nós, mas de qualquer coisa que o nosso sentimento faz existir.

Por isso, um sinal ulterior é que muitas vezes pensamos que temos de ser nós a sustentar a fé, como Atlas o mundo. «É preciso acreditar em nós», como se fosse um esforço titânico, não podendo reconhecer uma coisa que nos torna certos e, portanto, nos faz descansar. Quando conhecemos uma coisa com certeza não é que tenhamos de sustentá-la: existe, e basta. Mas como não a conheço, é como se eu a fizesse existir porque o afirmo, como se fosse uma capacidade criativa minha, e isso cansa-nos, esgota-nos, e a dado momento desistimos.

Tudo isto nos diz que o contexto em que vivemos incide sobre o que nos aconteceu, sobre o modo de viver a fé, aparentemente oscilante, que não permite à vida que se realize. Por causa disso, surge logo a pergunta de São Paulo: «Quem me há-de libertar deste corpo que pertence à morte?»¹¹. E voltamos às palavras que dissemos nas Laudes: «Sião dizia: “O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se de mim”. Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, eu nunca te esqueceria. Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos. As tuas muralhas estão sempre diante dos meus olhos»¹².

Então a crise e o suplício em que nos encontramos são a oportunidade para conhecer a verdade destas palavras. Não fora deles, não numa situação diferente, não voltando a outro período histórico mais calmo: é aqui, agora, que nós podemos fazer um caminho de conhecimento que nos permita alcançar uma certeza que possa verdadeiramente construir a vida.

Mas, desta situação descrita, como se sai? Não apenas com uma doutri-

na mais justa, com uma tomada de posição ideológica oposta, nem somente por causa de um mal-estar experimentado e admitido; é preciso outra coisa. Deste relativismo, deste sentimentalismo apenas se sai com a experiência de um encontro, encontrando qualquer coisa realmente diferente de mim. Essa é a questão decisiva, em que o cristianismo demonstra a sua diferença relativamente a todo o resto. Esta é a única possibilidade: o encontro com uma Presença tão realmente presente que agarre o nosso eu, o nosso ser, e nos permita viver uma adesão tão real, tão potente que não dependamos mais das nossas imagens, que não dependamos mais dos nossos estados de espírito e que não voltemos a sucumbir constantemente a este esforço titânico de pensar que temos de criá-lo mas, pelo contrário, descansemos n'Ele.

2. A contemporaneidade de Cristo

Qual é a vitória sobre o relativismo e sobre o sentimentalismo? Imaginemos a situação em que se encontravam João e André quando se deu o encontro deles com Jesus, porque esse passou a ser o cânone e o paradigma desta vitória. Eles também não estavam certamente numa situação fácil: doutores da lei, fariseus, saduceus, zelotas, apocalípticos, João Batista... Uma sociedade muito pluralista! E como é que eles foram salvos? O que é que aconteceu que os subtraiu a esta confusão? Tendo, como todos, a capacidade de conhecer a verdade, encontraram algo em que toda a sua pessoa ficou magnetizada, tanto correspondia ao seu desejo de viver, ao seu desejo de felicidade. «O primeiro capítulo do Evangelho de João é um documento da forma extremamente simples e profunda como o cristianismo surgiu na história: um acontecimento humano que se propõe, o encontro com o facto de uma presença excepcional. Para André e João, o cristianismo, ou melhor, o cumprimento da Lei, da antiga promessa, cuja espera era a vida do povo judeu bom (como Ana, a profetisa, o velho Simeão, os pastores, descritos pelos primeiros capítulos de São Lucas), o Messias, Aquele que estava por vir e que o povo esperava, era um homem bem diante de seus olhos: eles o encontraram à sua frente, seguiram-no, foram a sua casa e lá ficaram aquela tarde inteira com ele, maravilhados, com a boca aberta, vendo-o enquanto falava»¹³.

É por isso que dom Giussani sempre nos disse que o critério para reconhecer o cristianismo será sempre esta modalidade simplicíssima, a mais apropriada à nossa fragilidade, à nossa incapacidade, fácil. Porque motivo para João e André era fácil reconhecer? Porque estavam perante um acontecimento tão objetivo, uma Presença tão excepcional que finalmente toda

a sua razão, a sua capacidade de conhecimento, a sua liberdade, a sua afeição estavam completamente atraídas pela Sua presença objetiva (não imaginativa, objetiva!), da qual podemos ter uma «pálida analogia»¹⁴ na experiência do enamoramento. Vê-se uma presença fora de mim, não imaginada por mim, que magnetiza todo o meu ser, e por isso é fácil reconhecê-la: quanto mais excepcional é, mais fácil é reconhecê-lo. E então muda-se o método religioso: em vez de um esforço titânico, é o descansar diante de uma Presença que nos completa. E ficaram tão convencidos que a partir daquele momento, mesmo errando muitas vezes, passaram a ser cada vez mais Seus, e isso confirmou-se na convivência que iniciaram com Ele: não puderam evitar procurá-lo, e lentamente chegaram a uma certeza que lhes permitiu um conhecimento finalmente pleno, tão real que não podiam evitar a pergunta: «Quem és Tu?». E então Ele os fez definitivamente protagonistas com a contra-pergunta: «Quem dizeis vós que Eu sou? A partir da experiência que fazeis comigo, vós – vós! – quem dizeis que Eu sou?»

E para nós, agora, será possível esta experiência? Trata-se apenas de uma recordação do passado? Teremos de contentar-nos simplesmente com uma evocação, que no fundo não incide na situação histórica que descrevemos antes? Que sucede tal como então, vê-se, amigos, todos os dias em nós ou nos outros: «Uma jovem do segundo ano aproximou-se de alguns dos nossos impressionada pela maneira como estudavam juntos na biblioteca. Começou a estudar com eles todos os dias, a almoçar junto deles na universidade, a sair à noite, evitando cuidadosamente todos os momentos de oração porque não acredita em Deus. Eu mal a conheço, mas certa noite, durante um jantar, enquanto eu contava o que me tinha sucedido à tarde fazendo caritativa, não pude deixar de notar os seus olhos escancarados que me perscrutavam [a mesma palavra que usava dom Giussani para descrever João e André, dois mil anos mais tarde: olhos escancarados]. Pouco depois levantei-me para ir buscar a sobremesa ela seguiu-me prontamente para dizer: “Vocês transtornaram a minha vida [vocês, não uma imaginação, não um sentimento: vocês, uma presença real, carnal]. A forma como vivem não é normal. Eu vos odeio, porque durante vinte anos me fizeram crer que era preciso contentar-se, e eu aprendi a manter-me à tona. Mas desde que os conheci não consigo tirar da minha cabeça a pergunta: e se existisse qualquer coisa mais? Aprendi também a manter as coisas da minha vida bem separadas, cada qual na sua gaveta, mas vocês fizeram saltar todas e é por isso que os odeio, porque já não sei quem sou. Mas nunca me senti tão viva”». É essa a questão. Nesta situação que o Censis descreve, neste abatimento, pode suceder-lhe algo que, mesmo se odeias, pode

torná-la tão viva agora – não há dois mil anos, agora! –, porque o ponto de partida da fé é sempre o mesmo, é objetivo, imponente, inconfundível: algo fora nós, que não podemos reduzir. Esta é a grandeza do cristianismo. Não pensem que o Mistério foi incauto ao escolher este método: escolheu um método que nós, com toda a nossa capacidade, não podemos manipular, está aí à nossa frente, irredutível ao nosso sentimento, ao nosso estado de espírito, à nossa imagem, à nossa capacidade.

Eis outro testemunho: «Desejo contar-te que nestes últimos tempos me vem surpreendendo particularmente um monte de caras novas que, dia após dia, se colam cada vez mais a nós. Têm as histórias mais diversas, mas uma coisa é comum: dizem que se estão apegando tanto porque há entre nós algo de estranho e de belo, um modo diferente de viver que os fascina, qualquer coisa que vai além das diferenças linguísticas. Uma é galesa e não fala bem italiano, mas está conosco porque: “A fé faz com que tenhamos em comum algo que é muito mais do que falar a mesma língua”, e que não é redutível à soma das nossas capacidades. Como diz um outro: “Espantou-me a forma como me acolheram. Vê-se que não fazem as coisas só por fazer. Eu sou ateu, mas vou com vocês às missas porque a sua diferença vem de serem cristãos e eu quero compreender melhor”. E um outro ainda, esta noite, disse-me: “Aqui encontrei o que procurei a vida inteira. Vocês têm uma forma de estar juntos que não é normal”. E depois o caso de um seminarista que estuda conosco: impressionou-me porque teve de pedir expressamente para poder vir à Escola de Comunidade conosco, e depois quando obteve a autorização surpreendeu-me escrevendo logo uma mensagem para me dizer. Eu me pergunto: que necessidade tem de vir à Escola de Comunidade alguém que ouve falar de Jesus o dia todo? Impressiona-me a simplicidade cheia de afeição que tem nos olhos cada vez que está conosco. Não é pessoa de muitas palavras, mas o seu olhar é mesmo de alguém que está apaixonado. O milagre é que este e outros rostos simplicísimos são para mim a oportunidade de me dar novamente conta desta diferença que descubro em mim e da qual nem estou consciente. Quem és Tu que tomaste a minha vida e que és de tal maneira fascinante que uma pessoa de fora nota logo a diferença?». É uma pergunta sobre Cristo que irrompe não dos pensamentos sobre Cristo, não de ler não sei que livro, não de um estado de espírito: nasce daquilo que toca, da surpresa daquilo que vê acontecer nos outros, que não podia imaginar antes. E prossegue: «É uma redescoberta grandiosa daqueles traços inconfundíveis do Mistério que o coração simples dos meus amigos tão evidentemente reconhece e que, portanto, me acompanha a mim tam-

bém nesta descoberta: “E vós quem dizeis que Eu sou?”. O nome de Cristo, para mim tantas vezes impingido e distante, vem-se tornando um Tu concreto e grave, que desejo rever cada vez mais, um Tu feito de instantes de diversidade inconfundível, mas que é a coisa mais fascinante e bela que alguma vez encontrei».

É tão evidente que se pode identificar. Um professor escreve-me: «Um colega meu, de orientação muito diferente da nossa, aborda-me a seguir a uma sessão de licenciatura, e principia comigo um discurso diferente do habitual. Normalmente não nos expomos, não se dizem nunca coisas demasiado comprometedoras entre colegas. Ele, obviamente, sabe de mim, e por isso me diz que nos últimos tempos tem conhecido vários estudantes do movimento, que está muito contente por se relacionar com eles, que os estima muito porque são críticos, presentes, empenhados naquilo que fazem [apesar da situação que descreve o Censis, há uns que vivem, presentes, críticos, empenhados naquilo que fazem]. Sobretudo percebe que têm uma solidez [em vez da fragilidade], uma consistência pessoal que os outros não têm, e depois são unidos, ajudam-se e ajudam os outros. Partia do conhecimento das pessoas da comunidade que eram representantes dos estudantes nos vários órgãos, mas também tinha identificado outros, e explicou-me como o tinha feito. Tendo ficado curioso, começara a apontar numa folha os nomes e apelidos dos que eram recebidos por ele e que, segundo ele, deviam forçosamente ser de CL porque tinham o mesmo modo de encarar a vida, a mesma positividade, o mesmo sentido crítico, embora sendo cada um diferente do outro. Para verificar se tinha acertado, a dada altura, pedira a um dos que conhecia melhor e com quem tinha uma relação mais familiar: “Desculpa que te faça esta pergunta, mas estas pessoas – e disse-lhe os nomes e apelidos da lista – vivem a tua mesma experiência?”, e ele respondeu: “Sim”. Tinha adivinhado todos os nomes».

O oposto de imaginação! A Sua presença, a Sua contemporaneidade aparece assim diante de nós. Como diz dom Giussani: «Em vez d’Ele de cabelos ao vento, em vez de o veres falar, de veres a sua boca que se abre e se fecha, agora Ele chega até ti através das nossas presenças [pensem no professor preenchendo a lista], que somos como as máscaras frágeis, a pele frágil, as máscaras frágeis de uma coisa poderosa que está lá dentro, que é Ele. Não sou nem eu, nem ele, nem tu, e no entanto passa através de mim, passa através de ti»¹⁵.

Portanto, a questão não é exortar-se a acreditar, mas de ajudar-se a olhar. O cristianismo é um acontecimento, e a fé tem o seu ponto de partida em coisas que se veem, não em coisas que temos de imaginar, cons-

truir, sentir. Senão o problema todo seria inchar as emoções e convencer-se de uma posição. A questão é olhar. Como dizia recentemente numa Escola de Comunidade, o que falta é uma fé não distanciada destes acontecimentos com que nos deparamos. São estes acontecimentos que devemos olhar.

Um de vocês perguntava-me recentemente: «Nos Exercícios podes explicar o que é a fé?». O ponto de partida diz-se rapidamente: «Na nossa experiência há qualquer coisa que vem de fora dela: é imprevisível, misteriosa, mas está dentro da nossa experiência. Se é imprevisível, se não é imediatamente visível, se é misteriosa, com que instrumento da nossa personalidade captamos nós esta Presença? Com aquele instrumento a que se chama fé. Chamamos “fé” a este instrumento para usarmos um termo que não se resuma e esgote no conceito de razão, porque a compreensão da experiência nos seus fatores imediatamente experimentáveis cabe à razão (é a razão que percebe a nossa experiência nos seus fatores imediatos). Mas nós, na experiência [os testemunhos que acabamos de ouvir], sentimos o sopro, ou vibração, ou as consequências [um modo de estar juntos, um modo de olhar-se, uma consistência das pessoas, um criticismo, um estar presentes] de uma Presença que não se pode explicar, surpreendente: é um encontro surpreendente. Por isso, só algo que esteja para além da razão é que pode intuir e compreender esse encontro, e é a isso que chamamos fé, que é uma inteligência da realidade, é uma inteligência da experiência»¹⁶. Temos esta lealdade para reconhecer este “além” que já advertimos dentro da experiência?

E olhem o que diz ainda dom Giussani: «Este é o núcleo essencial de toda a conceção do conhecimento e da inteligência da realidade do ponto de vista cristão. Aqui está todo o núcleo da inteligência cristã. É preciso compreendê-lo. Não é preciso perceber como é que Cristo está aqui; é preciso perceber que somos obrigados a afirmar que, aqui, há qualquer coisa de diferente, porque não é simplesmente com pesquisas, análises, ou o exame da nossa razão que conseguimos explicar o que há aqui. É preciso ter sempre presente o primeiro capítulo do Evangelho de S. João, do versículo 35 em diante: então percebe-se tudo, porque o problema da inteligência está todo ali; ao passo que todo o problema moral está no vigésimo primeiro capítulo, do versículo 15 ao 18. Quando João e André viam aquele homem falar, sentiam que havia qualquer coisa de excepcional, não se conseguiam dar conta do que era, – não percebiam como era possível, ou seja, a sua razão não era capaz de o agarrar – mas, para serem razoáveis, eram obrigados a dizer: “Há qualquer coisa que é diferente”. Porquê?

Porque ser razoável quer dizer afirmar a realidade segundo a totalidade dos seus fatores e, se um destes fatores for excepcional, é preciso dizer que existe, mesmo que não se perceba como é possível»¹⁷.

O problema do que seja a inteligência humana está todo contido na experiência de João e André: se nós somos suficientemente leais para entrar até à origem, ao fundo último da experiência que fazemos. Caso contrário não somos inteligentes, tenho pena por vocês, ainda que obtenham a nota máxima, porque são obrigados a eliminar um fator da experiência. Por isso, que alguém seja inteligente demonstra-se aqui e não dizendo que é inteligente.

E em que consiste a nossa liberdade, se somos inteligentes? Na maneira como respondemos à pergunta: «E vós quem dizeis que Eu sou? E tu, que viste estas coisas, quem dizes que Eu sou?». Aqui reside todo o problema da inteligência e da liberdade. Podemos negar um fator ou parar, mas então não é por insuficiência de provas – vimos todas –, não é por insuficiência de dados, de factos, de acontecimentos, de testemunhos, de milagres. Mas porque o percurso de conhecimento de que falamos é dramático, implica a liberdade, e o apego à nossa medida, ao nosso estado de espírito, pode jogar contra a evidência da diferença com que nos deparamos ou contra a correspondência experimentada.

Por conseguinte, não é preciso convencer-se de nada. Não estamos aqui para nos convenceremos, como se quanto mais estivermos mais nos convenceremos. É preciso ver o que nos aconteceu e usar a razão sem censuras e sem fechamentos, porque uma fé sem um acontecimento assim e sem este percurso, sem razão e sem liberdade, desaparece no nada da bagunça em que vivemos. Se não fizermos todo este percurso de trabalho árduo, somos, mesmo depois de termos visto o que vimos, um barco à deriva; não porque o Senhor nos tenha abandonado ou porque não tenhamos energia, porque não é preciso nenhuma energia especial: é preciso simplesmente a simplicidade da criança em reconhecer, a simplicidade de um reconhecimento.

3. A existencialidade da memória

Digo duas últimas coisas, partindo da pergunta que me enviou uma de vocês: «Como pode a minha relação com Ele tornar-se dimensão existencial e amizade viva? Eu confiei a realização dos meus desejos a imagens, mas com o tempo, vendo-as cair ou não manter as promessas, comecei a ceder à tentação de deixar cair sobre tudo um véu de apatia e de indiferença [Veem? É a descrição da vida]. No princípio do ano passado houve

como que um sobressalto. A descoberta pela, primeira vez sincera, do modo de viver simples e apaixonado de alguns amigos, por um lado, e, por outro, a ternura do Senhor (já não esperada) de me restituir um afeto que já dava como perdido, despertaram em mim aquelas urgências. Desta vez era impossível fazê-las calar. Em particular vivia uma grande necessidade, que a vida fosse unida, que em cada aspecto da realidade fosse possível aquele protagonismo que o coração deseja. O ponto de partida foi o estudo, talvez pela estima ainda um pouco imatura pelo movimento, de que falámos neste Verão. Decidi pôr em comum com alguns amigos docentes as perguntas que surgiram estudando, que tinham como denominador comum essa necessidade de protagonismo a que antes me referi. Quer dizer, nasceu em mim como que uma disponibilidade para deixar entrar o movimento nesta parcela da minha vida tão quotidiana e aparentemente banal do estudo [a verdadeira luta é se nós deixamos prevalecer as imagens ou deixamos entrar aquilo que nos aconteceu, o oposto de fantasias!]. Sem ter decidido nada a esse respeito, desenvolveu-se aos poucos um trabalho que durou um ano e que neste Outubro desembocou em três dias de encontros na universidade, que envolveu estudantes, professores e empresários. Esses dias, e o ano de trabalho para os tornar possíveis, foram para mim um marco [é uma coisa normalíssima, não teve visões: na quotidianidade do estudo deixou entrar uma coisa diferente]. Tive a oportunidade de experimentar que única alternativa à mediocridade insignificante que paira sobre a vida é viver tudo na relação com Cristo, misteriosamente vivo no movimento, único capaz de me fazer viver à altura daquilo que desejo. O Seu protagonismo na minha vida proporcionou o meu protagonismo na realidade; o Seu poder transfigurou aquela parcela de vida que Lhe tinha confiado, levando-a a ter um alcance totalizante para a minha pessoa e a ser historicamente incidente. Num momento em que todos na universidade, por um motivo ou por outro, se queixam e desesperam, para nós foi possível construir, trazer algo de positivo para todos. Quem é capaz de fazer uma coisa deste género? E que isso é algo real e não sugestão não sou eu que digo, foram os outros que deram testemunho, como um dos nossos professores que, no final do encontro de encerramento disse: “Se todos os nossos estudantes fossem assim, a universidade seria diferente”. Os outros, por vezes mais disponíveis que nós a não reduzirem o que estava sucedendo, como o nosso reitor que, diante de um colega seu de outra cidade – que nos perguntava quando eram as eleições, insinuando assim que o tínhamos convidado por causa da propaganda – respondia: “Não, as eleições não contam: estes são dife-

rentes”. Por isso, à pergunta: “E vós quem dizeis que Eu sou?”, posso fazer minha, sem mentir, a resposta de Pedro: “Tu, que vencendo toda a minha infidelidade e imoralidade Te ofereces como possibilidade quotidiana de plenitude de vida, Tu, que me habilitas a esta experiência humana única, és o Cristo, o Filho de Deus”».

Por isso se vive da memória (e não de uma recordação do passado): a memória d’Ele presente. «Então podemos começar a perceber em que consiste o defeito de moralidade em nós: é, em primeiro lugar, uma ausência de existencialidade na consciência de pertença. Ou seja, não temos um forte sentimento de pertença a Cristo»¹⁸. Muitas vezes, quando cada um diz: «Eu», nem mesmo de relance aparece a força da pertença a Outra Coisa, cujo sinal físico efêmero é a nossa companhia, cujo sinal histórico é a Igreja, cuja realidade é Cristo! Mas reconhecer Cristo é uma «escolha do campo no presente»¹⁹: a consciência de pertença em ato é a existencialidade da memória. Isso é um trabalho, é necessário que eu me converta constantemente ao conteúdo desta memória, não à minha imaginação ou ao meu estado de espírito, mas ao conteúdo desta memória que eu vi em ação diante dos meus olhos.

Espero que possam deixar prevalecer sempre mais em vocês esta Presença que vemos tão poderosamente em ação. Nós estamos na situação que Jesus descreve: «Felizes os olhos que veem o que vedes. Porque, digo-vos, muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvís e não o ouviram»²⁰. Muitos dos nossos contemporâneos desejariam vê-lo, mas não o veem. Pelo que nós somos verdadeiramente bem-aventurados, escolhidos. Viver com esta consciência é o que nos torna diferentes e nos permite permanecer na realidade sem medo, mais espantados ainda por vê-lo em ação. Porque neste grave momento histórico poderá manifestar-se ainda mais quem é Aquele a quem dedicámos a vida e que espécie de paixão tem pelo destino de cada um de nós. A vida, se uma pesosa a vive com esta consciência, se deixa entrar a Sua presença, é completamente diferente.

ASSEMBLEIA – JULIÁN CARRÓN
11 de Dezembro, tarde

ANTONIO. *Hoje na última parte da lição falaste de fé, dizendo que é o modo para conhecer aquilo que a razão não chega a explicar. Eu perguntava-me como é que um conhecimento tão indireto, que passa através de pessoas concretas, dos amigos, se pode tornar, precisamente, tão concreto que eu diga: «Eu dou a vida por isto».*

Posso fazer-te algumas perguntas?

Sim.

Tu às vezes apanhas o elevador?

Sim.

E andas de avião?

Sim.

E estás tranquilo porque ele não cai? Tu tens um conhecimento direto disso ou um conhecimento indireto?

Direto no sentido de que...

Direto?!

Não, mas... No sentido de que tendo já tomado outras vezes um avião, outras vezes o elevador, eu sei...

E porque o tomaste outras vezes não poderiam cair na vez seguinte?!

Não, pode cair.

Tu amas a tua mãe?

Sim.

E a tua mãe ama-te?

Sim.

Tens a certeza?

Sim.

Como podes estar tão certo?

Porque eu...

Tens conhecimento direto? Tu vês o amor da tua mãe?

Sim.

Não! Não se dão conta: tu vês sinais e tens de confiar nesses sinais! Quero colocar-vos a todos diante da experiência que habitualmente fazem: vocês chegam a uma certeza sobre muitas coisas das quais não têm um conhecimento direto. Certo?

Sim. Mas posso fazer-te outra pergunta?

Claro.

Eu vejo o amor da minha mãe através dos sinais, mas tenho a minha mãe à minha frente e ela tem um rosto concreto, é uma pessoa concreta.

O rosto sim; mas que tu tenhas a certeza de que esse rosto te queira bem, te quer bem, sabes através do quê?

Através dos sinais.

Voltamos ao ponto inicial. Está claro?

Sim.

Quero que fique bem explícito para todos que, por detrás desta pergunta, há uma rasteira: nós estamos convencidos de que um conhecimento indireto não é certo; convenceram-nos que a única modalidade de conhecimento verdadeiro é o conhecimento direto. Por isso imagino quantas dificuldades têm em todas as questões da vida em que não podem obter um conhecimento direto, que são a maioria e as mais decisivas. Por isso, primeira questão, tu deves procurar se, em todas as circunstâncias em que chegas à certeza através do conhecimento indireto, consegues obter um conhecimento verdadeiro, certo. Segunda questão: eu não dou a vida por um tipo de conhecimento, eu dou a vida por Aquele de quem obtenho a certeza. Por isso, uma vez alcançada a certeza através do conhecimento... Eu não dou a vida por um certo método de conhecimento, eu dou a vida por Ele. Posso dar a vida se puder atingir esta certeza. Mas por detrás da pergunta está esta dificuldade: estamos dentro de uma cultura, dentro de uma modalidade de relacionar-nos com o real que penetra em nós. Por isso dou exemplos que não têm nada a ver com a fé, para vos fazer perceber que isto diz respeito a tudo; e depois também diz respeito à fé, mas a questão é como esta nossa modalidade de conhecimento incide sobre nós.

MARTINA. *Eu noto que há uma diferença em vocês, há uma forma diferente de estar juntos, e é por este motivo que continuo a estar aqui. Vocês dizem que a origem desta diferença é Jesus, mas como podem ter essa certeza? Como podem dizer que é objetivo?*

O problema não é nosso, nós já te demos uma resposta. O problema é teu.

Exato.

Como explicas tu esta diferença? Por que é que estás aqui? A pergunta aparece perante uma diferença que tocas, que vês, com a qual chocas. Ou tu, perante esta diferença, fazes o caminho do conhecimento para tentar dar a ti mesma uma explicação, ou então deixas sem resposta a pergunta sobre esta diferença. Não é um problema, antes de mais, nosso, nós

damos-te a nossa resposta e dizemos a razão por que a damos; mas isso não é para encerrar a partida, mas sim para te fornecer uma hipótese de trabalho que tu possas percorrer para verificar se essa explicação é adequada a todos os factores que tu vês nesta diferença. Mas tu podes começar por dar a ti mesma outro tipo de resposta: tenta, tenta dar-te outros tipos de resposta para explicar esta diferença. Se a encontrares, diz-nos. Percebes? Olhem que nós muitas vezes, diante das questões, fechamos, como se o facto de fornecer uma resposta parasse a dinâmica do conhecimento. Nós damos-te as razões, mas com isso não queremos nunca encerrar a partida, e tu não deves aceitar a resposta acriticamente. Dom Giussani usa com frequência uma expressão que eu gosto imenso: hipótese de trabalho. É como quando te oferecem algum aparelho e a empresa que a produziu te dá as instruções de utilização e te diz: «Forneço esta hipótese de trabalho para te explicar como funciona». Tu dizes: «Por que haveria eu de acreditar nisto?» Experimenta de outra maneira, quem te impede? Experimenta ver se há outra maneira razoável de o fazer funcionar. Tu encontras-te perante uma diferença, perante uma coisa que tens de explicar. Nós oferecemos-te uma hipótese de trabalho, é uma ajuda para ti. Tu perguntas: «Por que haveria de aceitar?». Então dou-te um conselho: experimenta oferecer a ti mesma outra hipótese de trabalho, se a encontrares nós teremos todo o gosto de começar a “discutir”...

Está bem.

Porque nós dizemos que a resposta é Jesus, não por não termos nada mais que fazer ou porque O imaginamos, cara Martina. Nós dizemos «Jesus» porque determinados factos, determinadas consequências, uma determinada novidade na vida, na experiência dos homens, foi constatada somente a partir de um momento histórico, está ligada a uma origem histórica que se chama Jesus, e que antes não existia. E inclusivamente nas nossas existências individuais, quando não está Jesus pelo meio, nem nós somos capazes de fazer emergir esta diferença. Quer dizer, não falamos de Jesus à toa. Dizemos «Jesus» porque está ligado a uma história precisa, que chegou até nós, e quando esta história não atinge um determinado lugar, as pessoas, estes sinais não aparecem. É por isso que nós dizemos «Jesus». Agora tu podes ver, através desta verificação que te convido a fazer, se encontras uma explicação alternativa, e que seja razoável, para as circunstâncias históricas, para todos os factores da experiência, para poderes dizer: «Não, isto explica-se muito bem tomando um comprimido qualquer, ou fazendo alguma ginástica, ou fazendo um outro tipo de experiência». Experimenta. Porque o ponto de partida é precisamente aquele que

tu identificaste muito bem: esta diferença. É desta diferença que é preciso dar a razão.

UBERTO. *Esta manhã disseste: «O milagre é um rosto atrás do qual se intui uma diferença fascinante». Mas se o reconhecimento de Cristo presente não é resultado de um esforço, de uma imaginação, e sim de um abandono, de uma abertura dos olhos, de um sobressalto do coração, gostaria de pedir para especificar os traços positivos dessa diferença fascinante para evitar o risco de cair no autoconvencimento.*

«São muito críticos, presentes, empenhados, têm solidez, consistência, são unidos, ajudam-se, ajudam os outros», assim se exprimia o professor ao seu colega. Estes traços não foram criados por ele, não se autoconvenceu, por si mesmo; simplesmente ele, que em termos de posição estava muito afastado, teve de reconhecê-los. Podemos, portanto, dizer que o traço inconfundível é uma exaltação do humano no uso da razão (críticos), no uso da liberdade (presentes, empenhados)... A este propósito, estou afeiçoado ao capítulo quarto dos Atos dos Apóstolos, que aborda um episódio que muitas vezes passa quase despercebido: quando Pedro e João foram levado diante do Sinédrio porque tinham começado a pregar em nome de Jesus. Podemos imaginar estes dois populares diante dos professores da época (os doutores da Lei, os fariseus, os sumos sacerdotes). E estes ficam espantados – contam os Actos – perante estes dois ignorantes sem instrução (porque não havia outra instrução naquele tempo senão o estudo do Antigo Testamento junto de algum rabi, devemos situar-nos no século I, na Palestina; era gente que vivia da cooperativa dos barcos e não sabia ler nem escrever). Já no Evangelho de São João se conta como eram desprezados os seguidores de Jesus: «Precisamente vocês, que são gente do povo, absolutamente ignorantes, podem acreditar n'Ele. Alguma vez viram alguém importante, que tenha instrução, que tenha acreditado n'Ele?». Porém, quando João e Pedro são apresentados ao Sinédrio, os grandes professores ficam atónitos porque, embora eles sejam populares, falam com uma audácia, com uma liberdade que não se consegue explicar. E o texto dos Atos dos Apóstolos comenta: «Até que perceberam que tinham sido companheiros de Jesus». Ei-la, a origem daquela liberdade, daquela audácia, daquela parrésia! A origem da capacidade inexplicável de se exporem diante de uma plateia de gente tão ilustre era serem amigos de Jesus: são traços inconfundíveis daquela personalidade, que transparecem da relação com Cristo presente na história. São os traços de uma diferença que muitos de vocês constataam falando com personalidades várias: é

uma capacidade de dar contas que documenta a contemporaneidade de Cristo. É isto precisamente o que registava aquele professor preenchendo a sua lista de estudantes “diferentes”. Portanto, não há nenhum autoconvencimento, nenhuma ênfase: são traços absolutamente objetivos. É preciso a simplicidade de um reconhecimento.

SIMONA. *Parece-me que esta manhã apresentaste tudo muito fácil...*

É fácil. Tenho pena por ti, mas é fácil.

Esta manhã dizias que só se pode sair da confusão e do abatimento do desejo com a experiência de um encontro e que só em Cristo podemos encontrar repouso. Mas, na realidade, também os encontros desiludem, quer dizer, os amigos, as pessoas que conhecemos são humanas, logo não são perfeitas, não é? Portanto, a pergunta é: o que é que me pode fazer verdadeiramente feliz nos relacionamentos, quer dizer, o que há nos relacionamentos que esteja à altura dos meus desejos? O que é que se mantém mesmo perante os limites humanos? Porque, se tudo desilude, então a única solução é uma opção pela virginidade.

Calma, calma...

Porque para viver a nossa relação com Cristo esta parece ser a única solução...

Simona, vamos olhar para as coisas juntos. Primeiro: quando uma coisa te impressiona, quando captas uma diferença, o problema é perceber o que é que está dentro dessa diferença. Dou-te exemplos simples; é melhor dar exemplos que não tenham a ver com a fé, porque se se aplicam aí podem aplicar-se também nas coisas que dizem respeito a Cristo. Se provas um vinho excelente, mesmo se depois provas outros diferentes...

... Aquele continua a ser o vinho bom.

Vês? Está tudo aqui. A questão é o juízo que nós fazemos dessa diferença. Não é que depois não permaneça; permanece, tanto assim é, que tu podes tentar provar qualquer outro, e quanto mais provas, mais te apercebes que não é igual, e exalta-se essa diferença. Faço-me entender? Então a questão é que o encontro cristão é igual, em termos de modalidade, a qualquer outro encontro, mas tem dentro de si uma diferença na origem, que o faz permanecer para sempre. Por que é que os outros desiludem e este não desilude? Porquê? Porque tem dentro de si qualquer coisa que tu tens de explicar. Não sou eu que o devo explicar: tu encontras-te diante de uma experiência de correspondência tão evidente que depois, mesmo que procures repeti-la, recriá-la, não consegues. Isto quer dizer que há aí qualquer coisa que – como dizia antes à Martina – tu tens de explicar: por que

é diferente? O que é que está ali que o torna diferente? Porque é isso que faz a diferença entre o encontro cristão e outros encontros que desiludem. Eu percebo que, como chamamos “encontro” a tudo (e chamamos a tudo “vinho”), a tentação é meter tudo no mesmo saco, confundir-se, dizer que tudo é igual a tudo. Não, não, não, não, não, não, não! Nós usamos a mesma palavra, mas a experiência que fazemos é diferente, e é por isso que podemos reconhecer, entre diversos rostos, o Rosto. Calculem se João e André não tinham já encontrado tantos rostos ... Por que O seguiram apenas a Ele? Eram estúpidos ou estavam confundidos?

Não penso...

E quanto mais O seguiam, mais evidente era para eles que aquela excepcionalidade resistia a qualquer prova, a qualquer circunstância. E quando todos O abandonaram, Jesus não lhes poupou a pergunta nem a eles: «Também vós quereis ir embora?». Jesus não implorou: «Agora não me deixem só, peço-vos, tenham esta bondade comigo!». Não, Jesus não quer que nenhum de vocês Lhe faça a bondade. Percebem?

O certo é que há encontros e encontros, que em alguns é evidente uma diferença e noutros talvez não. Mas até estes encontros decisivos para a minha vida, a dado momento são tirados; vou dar exemplos: o meu namorado que me deixa passados três anos, ou um dos meus melhores amigos que vai para a América. Perante isto digo: necessariamente, estes encontros, embora tendo esta dimensão, desiludem, porque me são tirados. Então o que é que se mantém diante disto?

Fazes um curto-circuito entre Aquele que se faz presente através dessas relações e o sujeito que as transmite. Porque pode suceder que encontres Cristo através de alguém que depois vai embora. Isto quer dizer, então, que Cristo desilude, que não é verdade o que uma determinada pessoa te fez encontrar? Se alguém te ensina matemática e depois espezinha o que te disse, significa que não te introduziu à verdade daquilo que te ensinou?

Não...

Essa é a questão. Se tu, através de pessoas frágeis como nós, com limites como nós, chegas a uma coisa que é verdadeira, continua a ser verdadeira sempre. Se tu conhecestes Cristo e percebeste o que Ele traz à tua vida, se quem que te introduziu a este conhecimento se for embora, então tu vais embora também? A testemunha introduz-te a uma coisa que permanece para sempre, ainda que se vá embora. Ou seja: desilude-te ele, não te desilude Cristo, a quem ele te fez encontrar. Se nós não virmos bem até ao fundo a diferença, depois misturamos tudo.

Sim.

Quanto à vocação para a virgindade, essa é outra questão. A vocação não a decides tu, é Outro que decide; mas a vocação é para a felicidade de encontrá-lo a Ele, é para todos, também para os que não abraçam a virgindade. Está claro?

Obrigada.

MICHELE. *Hoje disseste que reconhecer o Senhor é absolutamente simples, mas agora para mim não é. Depois concluíste dizendo que o reconhecimento é um trabalho. Como se conjugam trabalho e simplicidade?*

Uma coisa de cada vez. É simples reconhecer o Senhor?

Às vezes, depende.

Vamos partir das vezes mais simples. Quanto mais excepcional é alguma coisa, mais fácil é reconhecê-lo, não? Quanto mais belas são as montanhas, mais facilmente te apetece dizer: «Que bonito!». Sim ou não?

Sim.

Quanto mais bela é uma jovem, mais te apetece dizer logo: «Que bonita!». Tens alguma dificuldade em reconhecer a beleza, ainda que o céu esteja nublado ou que tu hoje estejas um pouco desanimado?

Não.

Se calhar o humor melhora vendo-a... A simplicidade está ligada à imponência do acontecimento, à excepcionalidade da presença, ao objeto que tenho diante de mim. Por isso, é simples. O trabalho está ligado à liberdade. Que alguma coisa seja excepcional, e portanto, fácil de reconhecer como tal, não te poupa a liberdade de aderir. Qualquer um de nós, eu também, diante de uma coisa imponente pode dizer: «Não, não quero reconhecê-la».

Não, não é assim! Quer dizer, por vezes as circunstâncias são muito mais áridas, e é realmente difícil reconhecer Cristo. A mim aconteceu-me o encontro, mas...

Desculpa um instante. O reconhecimento não depende de uma energia da vontade, depende somente da tua liberdade; para dizer que uma montanha é bela não precisas de nenhuma energia em especial. Sim ou não? Estão a fazer confusão: como para vocês, no fundo no fundo, o cristianismo é um moralismo, quando não têm energia julgam que não vão conseguir. Mas se o cristianismo é um acontecimento, é o reconhecimento de Outro, é um problema de liberdade! Que energia em especial tens de reunir para reconhecer a beleza das montanhas ou de um céu estrelado ou a beleza de uma jovem? Precisas de algum treino especial? Precisas de energia extra, de tomar algumas vitaminas? A liberdade pela qual reconheces

algo é simplicíssima, só é preciso ceder ao atrativo; até podemos não ceder, mas não porque não seja fácil mas, antes, porque nós resistimos a algo. Aliás, é preciso mais energia para resistir do que para ceder! Em resumo, são duas coisas simples: uma prende-se com o objecto que tenho diante de mim (a excepcionalidade), a outra prende-se com o sujeito que o tem de reconhecer (a liberdade). Vocês sonham com um tipo de conhecimento que vos poupe a liberdade. Não existe, lamento muito, nem mesmo perante a beleza da montanha, porque tem sempre de implicar a liberdade. E este implicar a liberdade – como dissemos nos Exercícios da Fraternidade este ano – é decisivo, porque sem isso jamais algo será teu, percebes? Por exemplo, para te deixares abraçar por outro do que é que precisas? De nada, basta ceder. Em relação a Cristo, Zaquie teve de fazer algum esforço especial? Não, aceitou o convite: «Desce, que vou a tua casa».

Portanto o trabalho é dizer sim a essa circunstância?

Exato. É um trabalho porque não é automático. Podes gostar de uma pessoa, mas não é automático dizer-lhe: «Queres casar comigo?»; tens de dizê-lo com toda a tua liberdade para que seja verdadeiramente tua, não o dizes como quem bebe uma cerveja, certo? Quanto mais algo de belo, de decisivo para a vida está em jogo, mais a liberdade é comprometida. É simples reconhecer o bem que aquela mulher significa para a tua vida, tens mil sinais disso, é fácil reconhecer-lo; mas quando lhe pedes para casar contigo tens de comprometer a liberdade, tanto assim que pensas antes de fazê-lo.

ALESSANDRO. *Senti-me inteiramente descrito nas reduções sobre as quais te detiveste esta manhã, e também é claro para mim que a única possibilidade para sair delas é embater numa Presença excepcional, que seja capaz de magnetizar toda a minha razão e toda a minha afeição. A questão, portanto, não é convencer-se da fé, mas ver esta Presença em ação. Como educar a nossa liberdade a fim de que essa abertura e esse reconhecimento do Mistério presente seja sempre mais habitual e estável em todas as circunstâncias?*

Obrigado, esta é uma questão à qual devemos regressar sempre, porque é um aspecto educativo fundamental. Giussani sempre nos ensinou que essa abertura de que falas é a abertura original da criança. A manifestação desta abertura original é a curiosidade da criança. Mas todos vemos que esta abertura não se mantém. Por isso, dom Giussani diz que para se manter tem necessidade do compromisso da pessoa, e isso é um trabalho nosso. Dom Giussani dá um exemplo que impressiona muito: quantas

vezes passámos uma tarde deixando-nos andar sem fazer nada? Ora, ele explica que quando alguém se deixou andar assim, as coisas que antes, noutros momentos, sentia como correspondentes e atrativas, a um certo ponto é como se perdessem significado porque deixou de haver esta abertura da nossa parte. Isso quer dizer que é preciso uma educação. E como nos podemos educar nisto? Permanecendo disponíveis para essa modalidade com que o Mistério constantemente nos desperta. Se nós, em qualquer coisa que nos aconteça, aceitamos o desafio da provocação do real e nos deixamos educar, pouco a pouco vem ao de cima uma capacidade sempre mais nossa de estarmos abertos. Jesus convida-nos constantemente a ser como crianças sendo adultos, ou seja, a permanecer na atitude original, com esta abertura original mesmo quando somos adultos. As provocações do real – ouvimos tantas esta manhã – são ocasiões em que somos constantemente desafiados: podemos aproveitá-las para nos educarmos a esta abertura ou então deixá-las perder, iludindo-nos que seja automático.

LORENZO. *Hoje disseste que para nós o acontecimento se dá de forma intermitente porque o sentimento se esconde por detrás. Nos momentos de escuridão, em que a vida é assolada por outros sentimentos, por que é que estes parecem mais concretos que o Facto reconhecido? Porquê esta relutância a um uso verdadeiro da razão?*

Na tua opinião, porquê?

Porque não nos damos conta do que acontece.

Perfeito! A relutância existe porque nós – que não somos tolos – sabemos que este uso verdadeiro da razão implica, por vezes, um sacrifício e não estamos dispostos a fazê-lo. Vejamos o milagre do cego de nascença. Não é que os judeus não tivessem visto aquele cego pedir esmola todos os dias; sabiam muito bem quem era! Por que motivo tinham esta relutância em usar a razão, a reconhecer o facto? Porquê? Porque isso implicava ter de mudar de posição, não porque o facto em si não fosse evidente também aos seus olhos.

Exato.

A verdade é que somos muito astutos – muito mais do que temos noção – e fazemos logo uma comparação rapidíssima; e como adivinhamos logo quais seriam as consequências de reconhecer aquilo que com toda a evidência vimos, a única maneira de evitá-las é negar o facto na sua origem; e assim bloqueamos a razão. Se aqueles judeus tivessem reconhecido o milagre do cego de nascença, teria sido o fim da sua presunção, e eles

sabiam isso muito bem, não eram tolos, sabiam muito bem que, se aceitassem que aquele fora cego e agora via, teriam de começar a fazer um percurso: «Mas se este era cego e agora vê, quem é este Jesus que o curou?» Uma pergunta assim irrompe até no mais obtuso dos homens. E como não estavam dispostos a mudar de ideias sobre Ele por tudo o que isso iria implicar – porque teriam O seguir; eles, que eram chefes, teriam de tornar-se discípulos, e ficava tudo de pernas para o ar –, o que fizeram? Aqui, Lorenzo, tens a relutância da razão perfeitamente descrita. As outras coisas pareciam mais concretas que o acontecimento reconhecido? Não, o acontecimento estava ali, patente, diante deles; mas não estavam dispostos. A relutância é a modalidade com que nos defendemos das consequências do Acontecimento reconhecido e do sacrifício que esse reconhecimento implica. Porém, aqueles judeus também tinham de se submeter à razoabilidade – tanto o homem é feito para a verdade –, e portanto tiveram de negar tudo: «Não, este homem nunca foi cego».

Assim é claro.

Então, amigos, quem nos persuade a não ceder a esta relutância da razão? Quem? Recordo sempre o fim do terceiro capítulo d'O *Sentido Religioso*, onde dom Giussani diz que só uma coisa nos pode persuadir: o amor a si mesmo como destino. Se tu não te amas a ti mesmo a ponto de estar disposto a seguir aquilo que te faz verdadeiramente feliz, quem te mandará fazê-lo? Nenhuma autoridade externa a ti te obriga. Só se tu tiveres um instante de ternura, de autêntico amor a ti mesmo, poderás estar disposto a esse sacrifício. Decidam. Este é o drama da vida, meninos. Mas que fique claro que uma coisa é não ter a evidência do acontecimento e outra é optar por dizer não.

FEDERICO. *Nunca, como durante estes dias, se falou tanto de Cristo como presente e de que não nos temos de convencer de nada, apenas olhar e ajudar-mo-nos a olhar. Como se torna viva a amizade com Ele, a ponto de poder reconhecer que Ele existe mesmo quando estou sozinho?*

A amizade com Ele torna-se viva como se torna viva qualquer amizade verdadeira que te aconteça. Se conheces amigos, como é que se torna sempre mais viva essa amizade com os amigos?

Estando com eles.

Perfeito! Tu verificas que estando com eles a vida é mais vida, és mais ajudado a fazer face a todas as circunstâncias, é mais apoiado diante das dificuldades, e por isso vem sempre mais ao de cima a razoabilidade, a beleza dessa amizade, e então a amizade torna-se sempre mais verdadeira.

O que é que os discípulos fizeram? O mesmo que tu descreves: envolveram-se numa relação com Ele e esta relação levou-os cada vez mais a um apego mais vivo, muito mais estreito, até ao ponto de, quando todos O deixaram, eles terem ficado. Imagina como aos poucos esta amizade cresceu em intensidade e em certeza. E como pode crescer em nós? Do mesmo modo: se tu entras no real com a presença de Cristo através do lugar onde aconteceu. Porquê? Porque a amizade com Ele cresce se tu a verificares no real. Se vocês não arriscam no real aquilo que encontraram, não poderão crescer na certeza de que Ele é capaz de mudar as circunstâncias. Vamos dar-lhe a Ele a possibilidade, o espaço, a oportunidade de mostrar quem é! Se tu te ligares cada vez mais a Ele, verás cada vez mais quem Ele é. Uma coisa é ver a vitória de Cristo nos nossos pensamentos, e outra coisa é vê-la no real. Será sempre mais estreita esta amizade com Ele se tu a vires crescer no real, porque tu de Cristo sabes muitas coisas, mas enquanto não O vires atuar no real, não te ligas a Jesus nem morto. Eu percebo. Digo-te isto porque eu tinha estudado muito, tinha rezado muito, mas compreendi a diferença que havia quando comecei a experimentar a Sua ação no real, e a certeza que alcancei foi muito além de qualquer imaginação minha. Por isso digo: tornamo-nos muito mais certos, intensifica-se a amizade com Ele à medida que tu O verificas no real, e cada vês vez mais factos que documentam quem Ele é. E acrescento: aonde iria eu sem Ele, o que seria a vida sem poder descansar no Seu reconhecimento? Como me dizia uma de vocês: «O silêncio é a coisa mais bela!». No entanto, isto – que o silêncio é a coisa mais bela – para muitos cristãos é a coisa mais distante. Mas, quando alguém experimenta isto, então adquire um nível de relação e de intensidade que é incomparável, porque o nosso silêncio – como dizíamos ontem – não é um vazio que temos de procurar preencher. Não, o silêncio cristão parte de uma plenitude, do Acontecimento que deixa sem palavras, da imponentia de uma Presença que me deixa pasmado, de tal forma se impõe com excepcionalidade sem par. E então deseja-se incrementar sempre mais esta relação, que não está desligada do real, mas está cada vez mais ligada ao real, e cada vez mais te leva ao silêncio, porque o silêncio está cheio deste real, deste vê-Lo em ação diante dos olhos. E então ficas sempre mais espantado perante estes traços inconfundíveis, como nos ensinou Giussani: com uma inclinação exasperada para dizer o Seu nome. Porque viver, amigos, é a memória d'Ele. Mas isto é como o resumo de uma história, de um percurso, não uma fórmula; através disto eu resumo uma experiência, Jesus resumiu-a assim: «Viver é a memória de Mim». Mas quem é que compreende isto? Quem dá voltas a

fórmula na sua cabeça? Não, quem está envolvido numa experiência, que o faz dizer: «É verdade, é verdade, viver é a memória d'Ele». Por isso São Paulo, que tinha feito esta experiência, a resumia muito bem: «Enquanto vivo na carne, vivo na fé do filho de Deus, vivo na memória d'Ele, e a Sua presença ganha cada vez mais vantagem sobre qualquer outra coisa».

PIETRO. *Continuo a não compreender a questão da memória. Como pode ela estar no mesmo plano do Acontecimento ou, inclusivamente, como é que ela própria pode ser um acontecimento? Parece-me sempre que acontecimento é o momento chamado da “série A” e memória é da “série B”, em que recorro à recordação e mais nada. Também do ponto de vista do sentimento, um acontecimento provoca-me um de um certo tipo que, pelo contrário, não é nunca renovado no trabalho da memória.*

Veem? Este é um exemplo manifesto de como, para compreender as palavras cristãs, apenas podemos partir da experiência. Porque tu, agora, o que é que fizeste? Acontecimento é “série A”, ou seja, é real e presente; memória é “série B”: uma recordação. Quer dizer, nós tomamos as palavras no seu significado comum, independentemente da experiência cristã. Mas para nós a memória não é uma recordação! Utilizamos a palavra “memória” porque o Acontecimento teve início num momento da história: Jesus veio – celebraremos o Natal daqui a pouco – num momento do tempo e do espaço, não antes. O Acontecimento tem uma memória, mas nós não vivemos da recordação, como por vezes pensamos tantos cristãos: «Os apóstolos experimentaram a “série A” (viver com Ele), nós somos da “série B” (temos somente um substituto)». Como se nós não pudéssemos fazer a idêntica experiência deles. Mas se não podemos fazer a mesma experiência deles, não vale a pena, porque então não podemos verificar se o que lhes sucedeu a eles nos sucede também a nós. Porém, como Giussani sempre nos ensinou, o que então começou pode-nos chegar a nós como já chegava a outros durante a vida terrena de Jesus, quando enviou os setenta e dois. E o que Ele tinha introduzido chegava a outros, não diretamente por meio de Jesus, mas por meio daqueles setenta e dois; e agora chega até nós por meio as nossas «frágeis máscaras», como dizíamos esta manhã. Mas o que nos chega é Ele próprio! Por isso o Acontecimento permanece na história. Por isso a memória é acontecimento, como disse o Papa por ocasião do funeral da nossa amiga Manuela, está presente: uma vez que Ele se recorda constantemente de nós no presente, nós podemos ser *memores Domini*. Se Ele não fosse *Memor nostri* no presente, quer dizer, se Ele não se recordasse de nós agora, se não acontecesse no presen-

te, nós não podíamos ser *memores Domini*, não podíamos viver na memória d'Ele. Mas é como se déssemos isto por adquirido... Olhem-se de frente um instante, por favor: alguém está aqui simplesmente por alguma coisa que outros lhe contaram? Tiveram vocês a experiência de uma correspondência, ou estão aqui só por ouvirem falar, pela recordação de uma lição que escutaram? Mas quem vos trazia cá se fosse só uma recordação, se cada um não tivesse feito a mesma idêntica experiência de um encontro como o que descrevemos esta manhã? E isto é a constatação da Sua presença, porque sem Ele em ação isto não existiria. Como é que os seus contemporâneos podiam reconhecer a identidade divina de Jesus? Através de traços inconfundíveis. E agora nós podemos reconhecê-Lo de igual modo pelos mesmos idênticos traços inconfundíveis. Por isso, a memória não é recordação apenas, a memória é presente. Porque Ele continua a recordar-se de nós, porque Ele nos atrai agora, porque Ele se recorda de nós agora, e para se recordar de nós tem de estar presente: por isso nós podemos dizer *memores Domini*.

IVAN. *As eleições universitárias não correram muito bem. Fazendo uma análise do que aconteceu, dissemos entre nós que a falta de êxito positivo se deve às poucas relações que estabelecemos na universidade. Portanto, agora parece que a solução será conhecer mais pessoas, estar mais na internet para publicitar a lista, em suma, utilizar a estratégia correta. Entretanto, pareceu que o que dizias sobre ser uma presença que atrai e move é outra coisa diferente, algo que tem a ver com o meu eu e Cristo presente. Dá-nos uma ajuda sobre isto.*

Obrigado. Para responder a isso, penso que a melhor maneira será fazer intervir os próximos amigos, que contem a sua experiência: o que é para eles a presença.

MARCO. *Começo por ler os meus apontamentos desta manhã: «Neste abatimento pode suceder algo que nos torne vivos agora, não há dois mil anos. O ponto de partida da fé é objetivo, uma coisa fora de nós, é irreduzível e está aí diante de nós, é tão evidente que pode ser detectada. O Mistério escolheu um método que não podemos manipular. Quem és Tu que tomaste a minha vida e nos tornas tão fascinantes a todos?». Hoje, precisamente, estas palavras em meu entender descreviam perfeitamente o que vivemos nestes meses de universidade, a partir do trabalho do ano passado feito contigo e também da provocação que nos lançaste na Equipe deste Verão: «O que quer dizer ser presença na universidade?» Então alguns de nós, durante todo este ano, tra-*

balhámos algumas exposições do Meeting: a exposição sobre a crise e a economia, aquela sobre Florenski e a outra sobre Masaccio, Beato Angelico e Piero della Francesca: veio um monte de gente a todas elas. Iniciativas nascidas de gente que começou por dizer: «Aquilo que encontrámos poderá chegar a julgar ao pormenor algo que sucede no mundo, como a crise ou mesmo aquilo que nos apaixonou, o Russo ou a arte?», e surgiram estes trabalhos que foram um ponto de novidade, até culturalmente falando, na nossa universidade. Quer dizer, a mim impressionou-me, primeiro, ver certos professores, que seguramente não se podem dizer nossos amigos, apreender o que estava por detrás (como um que, ouvindo um burburinho enquanto os amigos apresentavam a exposição sobre a crise económica, disse: «Pessoal, não se dá conta de que é a única oportunidade que têm, nestes anos, de levantar a cabeça dos livros e de olhar para uma coisa interessante, ou seja, a um modo novo de abordar a economia?»). E a segunda coisa que me marcou foi que os primeiros a ficar espantados fomos nós; mesmo em relação a todas as dificuldades da reforma universitária e a todos os protestos que agora se sucedem. Há um ponto que não é determinado pelas circunstâncias (políticas, sociais, e por aí fora). Em suma, é possível reagir de maneira instintiva, ou então há um ponto de novidade que fica. Porque uma exposição passa, mas o proveito que nós tivemos, o proveito dos que fizeram essas exposições, é isso que fica, ou seja, essa explosão do humano de que falavas antes.

Obrigado.

DAVIDE. Estas semanas na universidade foram bastante duras (ocupações, manifestações). Desde as primeiras agitações comecei a pensar que fosse necessário fazer um juízo, quer dizer, descobrir uma posição interessante em todo este caos. Comecei a pensar nisto também a conselho de alguns amigos e descobri que em muitos na nossa comunidade tinham este desejo. Fizemos uma assembleia com todos para perceber o que realmente está escrito na reforma universitária e avaliar em conjunto o que estava a acontecer. Para nos ajudarmos começámos a criar um manifesto, mas ficámos logo bloqueados: o que é que queremos dizer, o que é que queremos propor? Era evidente que a ideia de desmontar ponto por ponto a posição de quem se manifestava (dado que, entre outras coisas, o fazia sobre coisas que não estão inscritas na reforma) não nos servia: é demasiado fácil e cómodo contrapor-se à ideologia com outra ideologia (digo ideologia teriam sido unicamente ideias). Começamos então a olhar para a nossa experiência quotidiana na universidade e vimos que a coisa mais impressionante que nos acontece são encontros inesperados com professores e colegas, gente viva, interessada, curiosa, que

não se deixa vencer pelas dificuldades, mas ainda acredita que a universidade pode ser um lugar onde educar e sermos educados. A coisa melhor para nós, realmente, é embater na excepcionalidade que passa também pelas pessoas mais absurdas e dar-lhe espaço agarrando-se com firmeza. Então a proposta que fizemos aos nossos amigos, aos nossos colegas, foi todos os dias procurarmos juntos uma excepcionalidade no que existe e não largá-la mais, ainda que seja custoso e pareça mesmo que apenas o caos domina. Esta busca trabalhosa é a única coisa que vale na universidade porque é a única que vale no tempo. Esta busca nunca poderá ser detida por uma reforma, por um sistema errado ou por quem nos quer fora da universidade. Para nós a única esperança para sair da monotonia é esta, porque responde claramente aos nossos desejos mais verdadeiros na universidade. Isto é um pequeno testemunho do que tu dizias esta manhã, ou seja, que o desejo é relançado pelo encontro com uma Presença excepcional: é isso que nós vivemos e portanto foi isso que propusemos aos nossos amigos.

Uma presença, como dissemos este Verão, é determinada por uma diferença que todos podem reconhecer. Naturalmente, também, podemos convocar todos os meios que quisermos, mas a questão é não confundir esta diferença com os instrumentos que usamos, porque com os mesmos instrumentos podemos transmitir uma diferença ou as banalidades de toda a gente. Teoricamente, nenhum meio pode ser *a priori* excluído, mas a questão não é o instrumento que usamos; podemos fazer um manifesto, mas se no manifesto dizemos o mesmo que todos dizem, onde está a diferença? Eu não a senti. Podemos fazer banquetes ou fazer uma exposição, mas se não há um olhar diferente... O problema não são tanto os instrumentos, que amanhã poderíamos alterar se encontrássemos outros mais adequados; a questão é se um instrumento torna presente a diferença que nos revestiu. Este é o testemunho de uma experiência (como dizemos no manifesto intitulado «As forças que mudam o mundo são as mesmas que mudam o coração do homem»). Não basta uma resposta ideológica, é preciso mostrar uma experiência através de presenças de pessoas que revelam uma humanidade diferente em qualquer campo. Pessoas que não se sintam condenadas à desilusão ou ao desconcerto, mas que vivam à altura dos seus desejos. Essa é a questão.

Cada um de nós chegou aqui na sexta-feira com as suas necessidades, as suas preocupações, os seus problemas, e foi convidado a mergulhar na Sua presença. O que significa? Como vimos, muitas vezes para nós isto sucede segundo a nossa imaginação ou o nosso sentimento, do qual nos custa sair. Mas o que fez o Senhor, tendo noção desta nossa situação? Gerou uma Presença tão irreduzível que cada um possa ser libertado das suas próprias imagens, da redução ao estado de espírito; cada um teve a possibilidade de experimentar o que aconteceu: um gesto objectivo, irreduzível aos nossos pensamentos e aos nossos sentimentos. Cada um pode ver o que aconteceu. E demo-nos, seguindo dom Giussani, um critério que ele sempre nos forneceu: «À medida que as palavras lhes chegavam, e que o seu olhar, estonteado e admirado, penetrava aquele homem, eles sentiam-se mudar, sentiam que as coisas mudavam: o significado das coisas mudava, o eco das coisas mudava, o caminho das coisas mudava. E quando à noite regressaram, ao cair do dia – percorrendo muito provavelmente a estrada em silêncio, porque nunca se tinham falado entre si como nesse grande silêncio em que Outro falava, em que Ele continuava a falar e ecoava dentro deles –, e chegaram a casa, a mulher de André, ao vê-lo, disse-lhe: “O que tens, André, que tens?”»²¹. Nestes dias estivemos diante de uma Presença e cada um de nós – com o seu silêncio, com o seu testemunho, com o seu contributo – viu as coisas mudarem, penetrarem dentro de si. Também nos enchemos de silêncio, como um contava ontem, ao ver que os amigos não só guardaram o silêncio durante a viagem, mas também quando, chegados ao hotel, esperavam o início do almoço. O que é que sucedia? Como explicar isto se não que, como João e André, percorremos o caminho em silêncio porque nunca ouvimos falar como naquele grande silêncio em que Outro fala, em que Outro domina todo o nosso ser?

Então, compreenderemos sempre melhor o que significou para eles aquele encontro na medida em que essa experiência se dá em nós. E não é só a recordação sentimental de um passado, porque começamos a perceber o que aquilo significou para eles. Por isso dom Giussani nos oferece a cena de João e André como a experiência sintética de uma Presença tão excepcional que quando a vemos penetrar e dominar dentro de nós, nos muda tão profundamente, espanta-nos tanto que nos enche de silêncio.

A Sua presença domina a vida, já não reduzida às nossas imaginações, já não reduzida às nossas fantasias, já não reduzida ao nosso esforço: não o

esforço de uma criatividade, mas sim a simplicidade de um reconhecimento. Por isso o sinal mais patente é – como dizia um de vocês – este: «Ontem tive a experiência de ser libertado de um peso». Percebem por que motivo ontem usei a palavra “descanso”? Porque uma pessoa, diante desta Presença, não tem de continuar a suportar, a trazer, a procurar manter de pé as coisas: ela está e domina, e eu posso descansar n’Ela. O sinal desta Presença: a libertação. O sinal: o descanso. O sinal: o silêncio. O sinal: a mudança. Aquilo que liberta, aquilo que muda, aquilo que enche a vida deste espanto e deste silêncio não é uma explicação, não é uma recordação, não é um esforço titânico nosso, mas um facto que tem a forma do encontro com uma Presença presente. Sempre, enquanto existir o cristianismo, há-de ser assim; e se não é assim, amigos, não é cristianismo, porque o episódio de João e André é o cânone inabalável do que o cristianismo há-de ser sempre. Se acontece o que nos testemunharam aqueles dois, então pode-se chamar cristianismo; se não for isso, amigos, podemos usar as palavras cristãs, mas não é cristianismo. Porque não somos nós que decidimos o que é o cristianismo! Aprendemos o que é o cristianismo quando acontece, como a eles. João e André não sabiam o que era o cristianismo, não faziam ideia, não podiam sequer partir da categoria “cristianismo”, não tinham uma imagem como temos nós. Para eles o cristianismo coincidia com a experiência do reconhecimento de uma Presença que dominava a vida e a mudava.

Portanto, podemos afirmar – como dizíamos ontem – que é fácil (como foi fácil manter o silêncio). Percebem porque é que digo que com os mesmos ingredientes podemos fazer duas sopas diferentes? O silêncio pode ser resultado de uma Presença que se impõe, deixando-nos sem palavras, do espanto que Ele origina, da imponência do Seu abraço; ou pode ser a nossa mera tentativa titânica de fazê-lo, e, dessa forma, exprimimo-nos com as palavras cristãs, mas falamos de outra coisa, de uma construtividade nossa, de uma tentativa nossa. Porém, quando acontece segundo a sua natureza, segundo o que está documentado nos Evangelhos, é fácil, e nós sabemos isso por experiência. Se alguém diz que é difícil, tem de dizê-lo contra a evidência da experiência; portanto, mente e sabe que mente!

Esta evidência facilita a liberdade de aderir. Atenção: facilita, mas não a evita. Não é automático. Não seria humano se fosse automático. E, realmente, podemos resistir. Perante tantos milagres que os contemporâneos de Cristo viam, era patente, estavam diante d’Ele, impunha-se com uma evidência luminosa. Alguém podia dizer que não era fácil? Mas podiam resistir. Porquê? Porque entrava em jogo a liberdade. Então, se às vezes nos

parece difícil, não é porque não seja fácil reconhecer Cristo, mas porque, como está pelo meio a liberdade, nós intuímos logo as consequências, como os judeus diante do cego de nascença, e então bloqueamos a razão (é a relutância da razão sobre a qual perguntaram ontem). Trata-se de uma resistência que é necessário justificar.

Por isso, diante da imponência da Sua presença é sempre chamada a intervir a abertura original com que o Mistério nos criou. Porque o Mistério nos criou – como vemos nas crianças – com esta abertura original, quer dar-nos algo que está além de qualquer imaginação nossa, encher a nossa vida para além de todas as nossas energias, de todas as nossas capacidades de criar. É um dom Seu. Por isso nos fez com uma proporção estrutural e com um desejo sem fundo, ilimitado: para nos poder preencher com uma coisa que não podemos produzir nós, mas que temos de aceitar, acolher, abraçar como uma oferta. Criou-nos com esta abertura para nos pôr em melhores condições, mas sem nos impor nada.

Mas, uma vez que esta abertura muita vezes decai, como vemos, é preciso uma educação. Aquilo que na criança é espontâneo, no adulto é fruto de uma educação, porque sabemos que nos podemos fechar. Mas quando vemos esta abertura numa pessoa adulta é um espectáculo impressionante.

Este encontro com a Presença acontece num lugar. Por isso dom Giussani, sabendo esta nossa condição, nos diz que o sacrifício maior é reconhecer uma Presença, e esta Presença está para nós num lugar: o carisma.

Diz André Malraux: «Não há ideal a que possamos sacrificar-nos, porque de todos eles conhecemos a mentira, nós os que ignoramos em absoluto o que seja a verdade.»²². Então, a verdadeira questão é por que vale a pena fazer o sacrifício. Vale a pena unicamente por uma Presença cuja afirmação coincide com a nossa salvação. Tu podes afirmar o “tu” de ouro porque esse “tu” te faz ser mais tu próprio. E isso só o grande Tu o pode fazer.

Nós afirmamos a presença histórica deste lugar através do qual Cristo nos atrai, nos fascina, porque neste lugar sentimos despertar o nosso eu, sentimos que o nosso desejo se cumpre, sentimos que a nossa vida se manifesta em toda a sua potencialidade. É por isso que dom Giussani diz: «Se Cristo fez com que O conhecesse através destas circunstâncias, representadas por estes rostos, é através destes rostos, destas circunstâncias, que o muda, que lhe engrandece o coração, a alma, a cabeça»²³. E por que motivo é razoável seguir estes rostos? Só por conveniência humana, por-

que torna grande o coração, a alma e a cabeça, porque te muda, porque exalta o teu eu de um modo que tu sozinho não consegues, porque exalta a tua razão de um modo que não serias capaz sozinho, porque experimentas a liberdade, a afeição, a criticidade, e estás presente no real com uma consistência que vês que os outros não têm, tanto que até os que não te conhecem o notam. Convém-nos.

Assim se constata o que dom Giussani nos disse sempre: o carisma tem como finalidade mostrar a conveniência da fé, a conveniência do reconhecimento desta Presença, a pertinência desta Presença às exigências da vida. Mas para que isso se verifique, como vimos, é preciso uma Presença irreduzível. E isso, por vezes, irrita-nos porque não coincide com as nossas imagens. Ainda bem que não coincide com as nossas imagens, porque se coincidisse, se fosse redutível às nossas imagens, ficaríamos sós com as nossas imagens e com a nossa incapacidade! Ainda bem que é irreduzível porque, senão, nós a englobaríamos, faríamos que se tornasse nossa! Com efeito, só uma alteridade nos pode conduzir àquilo que nós, sozinhos, não somos capazes de chegar.

Por isso, é na relação com este lugar que se cumpre a verificação da promessa que intuímos quando a encontramos. Foi na relação com Ele que os discípulos fizeram a verificação da realização daquela promessa que tinham intuído no primeiro dia. E como um de vocês dizia ontem, muitas vezes entra-se no real com as imagens pessoais; então, deve-se verificar o que sucede entrando no real com as imagens pessoais ou entrando com a alteridade desta Presença irreduzível que origina nosso movimento. Porque – como vemos – a nossa tentação é, propriamente, reduzir tudo a uma imagem: a namorada, os pais, os colegas. Por conseguinte, por que não tentar também reduzir Cristo? No entanto, só a Sua irreduzibilidade nos pode libertar nas nossas imagens. Por isso é importante que nos demos conta que esta irreduzibilidade, da qual nos procuramos defender porque nos irrita – digamos assim –, nos convém. Esta irreduzibilidade, ainda que nos irrite, convém-nos; uma pessoa pode dizer «Odeio-vos», mas não pode deixar de reconhecer: «Apesar de vos odiar quero estar convosco» (e isto diz, uma vez mais, que não é automático). A luta entre a irreduzibilidade do Mistério revelado e a nossa tentativa de fagocitar a Sua presença: esta é a luta que Cristo introduziu na história, amigos. Por isso é que a tentativa do poder é eliminar esta irreduzibilidade, reduzindo o cristianismo a valores ou pensamentos. Realmente, se se extirpa esta irreduzibilidade, ficamos sós com as nossas imagens, com as nossas incapacidades.

Não pensem que o Mistério escolheu este método – fazer-se carne – por acaso: é o sinal da Sua ternura e da Sua paixão por cada um de nós.

É assim que podemos conhecer cada vez melhor a Cristo, entrar em familiaridade com Ele através dos factos que comprovam quem é Ele, que tipo de sujeito humano gera, que raça de liberdade nos dá, que consistência traz à vida.

Então ligamo-nos cada vez mais a Jesus, não para nos tornarmos mais piedosos, mas por esta gratidão que nasce do íntimo das entranhas vendo que experiência de novidade humana no viver recebemos d’Ele como dom. Assim podemos responder com objetividade à pergunta: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Podemos responder de acordo com o que experimentamos, não de acordo com as nossas iamgens ou de acordo com o que nos diz o poder. Só no presente posso fazer a experiência que me permite responder: «Agora conheço-Te, não por ouvir dizer, mas por aquilo que os meus olhos viram».

Por isso, a memória não é só a recordação de um passado (porque nenhum passado é capaz, por si só, de operar eficazmente): é uma origem continuamente presente. E em que é que vejo que a origem está presente? Nos acontecimentos do presente. É memória do Senhor.

O Papa, durante a missa pela Manuela, no Vaticano, disse: «Esta memória do Criador não é só memória de um passado, porque a origem está presente, é memória da presença do Senhor; é também memória do futuro»²⁴. São frases que é preciso aprender de cor! A memória da presença do Senhor, que nos muda, faz com que sejamos, por nossa vez, presença, torna-nos diferentes na maneira de viver as mesmas coisas de todos, de viver a mesma a vida de todos (o estudo, a relação afetiva, o divertimento, o trabalho, o tempo livre). Não se trata apenas de fazer outras coisas: é esta diferença que nos faz ser verdadeiramente presença, e as pessoas atentas notam isto, não porque façam coisas clamorosas, mas por esta consistência, por esta criticidade, pela maneira de estar interessados, de ajudar, de querer bem.

Termino recordando uma passagem comovente de dom Giussani a respeito de João e André: «Pensem, nós mobilizamo-nos por causa daqueles dois! Daqueles dois que o viram falar, que O viam falar com simplicidade, humildade, ingenuidade de coração, fomos mobilizados; aqueles dois mobilizaram as nossas vidas e mobilizam-nas agora! E daqui a cinquenta mil anos, durasse ainda o mundo, outros se mobilizarão como nós, pouco ou muito, não importa»²⁵. Todos nos mobilizamos porque João e André se mobilizaram, e assim o cristianismo chegou até nós. Portanto o método é

o mesmo: como todos nós nos mobilizamos por causa daqueles dois, outros se mobilizarão se nós nos mobilizamos. Não é um outro método, não é uma outra lógica.

Responder a esta graça, a este dom: isso é o bem do mundo. Todos nós temos a constatação de muitos factos que constituem este bem do mundo. Se um se move pode chegar a outros. Por isso peçamos, peçamos com toda a Igreja: «Vem, Senhor Jesus, durante este tempo de Advento, e concede-nos a graça de nos podermos mobilizar como aqueles dois». ■

¹ Referência ao Meeting do Cairo, que se realizou de 28 a 29 de Outubro de 2010.

² 2 Heb 12,1-2.

³ Bento XVI, *Mensagem por ocasião das Exéquias da Memor Domini Manuela Camagni, da Família Pontificia*, 29 de Novembro de 2010.

⁴ L. Giussani, *Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Rimini, 1987, *pro manuscripto*, p. 14-15.

⁵ A. Bagnasco, «Educazione patrimonio necessario per il Paese», in *Avvenire*, 9 de Novembro de 2010, p. 5.

⁶ Cf. «Relazione annuale del Censis», in *Corriere.it*, 3 de Dezembro de 2010.

⁷ L. Giussani, *O Eu, o Poder, as Obras*, Génova, Marietti, 2000, p. 168.

⁸ Cf. «Relazione annuale del Censis», em *Corriere.it*, 3 de Dezembro de 2010.

⁹ L. Giussani, *Toda a Terra Deseja o Teu Rosto*, Lisboa, Paulus, 2002, p. 131-132.

¹⁰ Bento XVI, *Vigília de Oração pela Beatificação do Cardeal John Henry Newman em Hyde Park*, Londres, 18 de Setembro de 2010.

¹¹ Rm 7,24.

¹² Is 49,14-16.

¹³ L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare Tracce nella Storia del Mondo*, Rizzoli, Milano 1998, p. 11-12.

¹⁴ L. Giussani, *L’Io Rinasce in un Incontro* (1986-1987), Milão, Bur, 2010, p. 44.

¹⁵ L. Giussani, *É Possível Viver Assim?*, vol II, Coimbra, Tenacitas, 2009, p. 128.

¹⁶ *Id.*, p. 95.

¹⁷ *Id.*, p. 96-97.

¹⁸ L. Giussani, *L’Io Rinasce in un Incontro* (1986-1987), op. cit., p. 45.

¹⁹ *Id.*, p. 46.

²⁰ Lc 10,23-24.

²¹ L. Giussani, “Il tempo si fa breve”, *Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Milão, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 1994, p. 24-25.

²² A. Malraux, *A Tentação do Ocidente*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, s.d., p. 150.

²³ L. Giussani, *É Possível Viver Assim?*, op. cit., p. 81.

²⁴ Bento XVI, *Santa Missa em Sufrágio de Manuela Camagni*, 2 de Dezembro de 2010.

²⁵ L. Giussani, “Il tempo si fa breve”, op. cit., p. 24.